



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ESTUDO DE CASO DA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE QUE  
SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) GUAJUVIRA, NO MUNICÍPIO DE SÃO  
JOSÉ DOS CAMPOS, VALE DO PARAÍBA-SP.**

**MATHEUS REIS ZERLOTE**

**Araras**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ESTUDO DE CASO DA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE QUE  
SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) GUAJUVIRA, NO MUNICÍPIO DE SÃO  
JOSÉ DOS CAMPOS, VALE DO PARAÍBA-SP.**

**MATHEUS REIS ZERLOTE**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> MARTA CRISTINA MARJOTTA-  
MAISTRO**

**COORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ADRIANA ESTELA SANJUAN  
MONTEBELLO**

**COORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> VALÉRIA OLIVEIRA DE  
VASCONCELOS**

Dissertação de mestrado do  
Programa de Pós-Graduação em  
Agroecologia e Desenvolvimento Rural  
para a obtenção do título de MESTRE  
EM AGROECOLOGIA E  
DESENVOLVIMENTO RURAL

**Araras  
2024**

Estudo de caso da construção da comunidade que sustenta a agricultura (CSA) Guajuvira, no município de São José dos Campos, Vale do Paraíba - SP. / ZERLOTE M ...[et al.]. -- 2024. 78f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras

Orientador (a): Marta Cristina Marjotta-Maistro

Banca Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Cristina Marjotta-Maistro (UFSCar), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Maluf de Lima Cunha (USP), Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Henrique Carmona Duval (UFSCar)

Bibliografia

1. Agroecologia; . 2. Rural-urbanização; . 3. Circuito curto de comercialização.. I. M, ZERLOTE. II. M, MARJOTTA-MAISTRO. III. A, MONTEBELLO. IV. V, VASCONCELOS. V. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Agrárias  
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Matheus Reis Zerlote, realizada em 19/02/2024.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Marta Cristina Marjotta Maistro (UFSCar)

Profa. Dra. Lillian Maluf de Lima Cunha (USP)

Prof. Dr. Henrique Carmona Duval (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural.

## **AGRADECIMENTOS**

O trajeto de produção dessa dissertação se iniciou muitos anos antes em que eu pudesse imaginar a possibilidade dessa escrita. No ensino fundamental, talvez lá pela 4ª série, uma professora de língua portuguesa deu um dos maiores incentivos que eu poderia ter, nos ensinando os caminhos para a escrita de redação. Após escrever e entregar a minha, tive a grata surpresa dela ter sido escolhida como a melhor da turma, sendo lida em voz alta pela própria professora para a turma inteira. Aquele misto de vergonha e orgulho ficaram presos em mim, me dando a força que uma criança de periferia precisava para compreender que a mudança surgiria pelos caminhos da educação. À professora Ana Paula, meus mais sinceros agradecimentos.

Vindo de uma realidade difícil do município de Diadema, tenho a agradecer a minha mãe por toda sua valentia em me colocar no caminho certo. Por me fazer desenvolver como indivíduo da melhor forma possível, tendo ela e minha irmã como minhas maiores fontes de inspiração, junto a minha namorada Teresa, por todos os momentos de acolhimento dentro de toda essa jornada.

A toda a CSA, os agricultores que sempre me receberam muito bem dentro de sua casa, me deixando ainda mais a vontade no desenvolvimento da pesquisa, bem como, amigos, familiares e também, a diversos co-agricultores com os quais pude criar profundos laços de amizade.

A todos os meus colegas com quem pude compartilhar esse trajeto dentro da Pós Graduação, em especial a Juliana e Thais, com que pude ter as trocas mais sinceras que o curso poderia me oferecer, e claro, à Adélia, por ter nos recebido em sua casa e tornado possível a participação nas disciplinas presenciais.

Por fim, a minha orientadora Marta, que desde o princípio se propôs a construir um dos maiores desafios particulares que pude participar. Organizando ideias, prazos e escritas. Auxiliando na construção não só de um conhecimento que possa transcender a própria dissertação, mas ao que fica preso em mim para sempre, no que diz respeito a confiança e maturidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
1.1 Objetivos .....	3
1.1.1 Objetivo Geral.....	3
1.1.2 Objetivos Específicos .....	3
2 REVISÃO DE LITERATURA .....	4
2.1 Circuitos Longos de Comercialização .....	4
2.2 Circuitos Curtos de Comercialização.....	5
2.3 O nascimento da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) ....	6
2.4 A CSA no Brasil.....	8
3 METODOLOGIA.....	11
3.1 Área de estudo .....	11
3.2 Estudo de Caso.....	12
3.3 Dados utilizados na pesquisa.....	12
3.3.1 Dados primários por meio de entrevista, questionário e análise documental.....	12
3.3.2 Dados secundários em literatura referenciada .....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	13
4.1 Caracterização da área de estudo.....	13
4.2 O nascimento do Assentamento Nova Esperança I .....	17
4.3 O nascimento da CSA Guajuvira.....	22
4.4 Financiamento e organização econômica .....	28
4.5 Organização social da comunidade.....	30

4.6	Questionário com co-agricultores(as) da CSA Guajuvira .....	34
4.7	Perspectivas .....	47
4.7.1	Parceria com o Instituto AUÁ de Empreendimento Socioambiental .....	47
4.7.2	Visibilidade e Comunicação: A gravação de um documentário para <i>streaming</i> no Sítio Guajuvira .....	49
4.7.2	Desdobramentos para a CSA Guajuvira .....	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	56
	Apêndice I .....	60
	Roteiro de entrevista com agricultores .....	60
	Apêndice II .....	61
	Questionário para co-agricultores CSA Guajuvira .....	61





## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa do estado de São Paulo com destaque para os municípios que formam a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. ....	14
<b>Figura 2:</b> Localização da cidade de São José dos Campos, entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro .....	15
<b>Figura 3:</b> Separação entre as zonas rural e urbana de São José dos Campos.....	16
<b>Figura 4:</b> Notícia da ocupação pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pelo jornal de circulação regional, Vale Paraibano. ....	17
<b>Figura 5:</b> Croqui da área onde ficava localizada a Fazenda Santa Rita. ....	18
<b>Figura 6:</b> Localização do Assentamento Nova Esperança I. ....	22
<b>Figura 7:</b> Fotografia aérea feita por drone do Sítio Guajuvira.....	24
<b>Figura 8:</b> Vista aérea com localização dos SAF's e das hortas.....	25
<b>Figura 9:</b> Legenda das áreas circuladas.....	25
<b>Figura 10:</b> Croqui da casa dos agricultores.....	26
<b>Figura 11:</b> Planejamento de ciclo da CSA Guajuvira. ....	30
<b>Figura 12:</b> Foto de uma entrega de cestas feita no Sítio Guajuvira. ....	33
<b>Figura 13:</b> Implantação de SAF em parceria com o Instituto AUÁ.....	48
<b>Figura 14:</b> Atuação do Instituto AUÁ junto a CSA Guajuvira. ....	49
<b>Figura 15:</b> Alimentação produzida para gravação do documentário. ...	50
<b>Figura 16:</b> Gravação de parte da entrevista com os agricultores. ....	51
<b>Figura 17:</b> Bastidores da gravação do documentário. ....	51

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Ano de adesão dos co-agricultores da CSA Guajuvira.....	35
<b>Gráfico 2:</b> Forma de adesão dos co-agricultores a CSA Guajuvira.....	36
<b>Gráfico 3:</b> Motivos para participação da CSA Guajuvira. ....	37
<b>Gráfico 4:</b> Disposição de respostas sobre o fato da família se alimentar mais em casa após participação na CSA.....	39
<b>Gráfico 5:</b> O desenvolvimento sustentável nas rodas de conversa após entrar na CSA. ....	40
<b>Gráfico 6:</b> Satisfação dos co-agricultores com a variedade de alimentos da cesta. ....	41
<b>Gráfico 7:</b> Satisfação dos co-agricultores a respeito da disseminação de informações da CSA Guajuvira pelas redes sociais.....	42
<b>Gráfico 8:</b> Número de co-agricultores que faziam compra de produtos orgânicos antes de participar da CSA Guajuvira.....	43
<b>Gráfico 9:</b> Estabelecimentos comerciais onde os co-agricultores compravam produtos orgânicos. Nessa questão, o co-agricultor poderia escrever mais de um estabelecimento.....	44
<b>Gráfico 10:</b> Qual importância que os co-agricultores dão ao SELO de produto orgânico. ....	45

**ESTUDO DE CASO DA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) GUAJUVIRA, NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, VALE DO PARAÍBA-SP.**

**Autor: MATHEUS REIS ZERLOTE**

**Orientadora: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARTA CRISTINA MARJOTTA-MAISTRO**

**Coorientadora: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ADRIANA ESTELA SANJUAN MONTEBELLO**

**Coorientadora: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. VALÉRIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS**

**RESUMO**

Profundas mudanças passaram a acontecer na estrutura agrária a partir da década de 1950 que deram início a chamada "Revolução Verde" que buscou potencializar a produtividade agrícola com a utilização de incrementos químicos e maquinários tecnológicos. A fim de contrapor essa forma de produção e comercialização, nasce a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), que preza pela produção de alimentos orgânicos e/ou agroecológicos aliado a subsidiação da produção por consumidores do meio urbano. O presente estudo de caso descreveu a formação da CSA Guajuvira no município de São José dos Campos, na macroregião do Vale do Paraíba no estado de São Paulo. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso, afim de coletar dados de formas: participativa, de história-oral e obtenção de dados primários e secundários por meio de realização de entrevistas, tendo assim, sistematizado informações para compreender as limitações, potencialidades e desafios que esse modelo de comercialização apresenta para agricultores e co-agricultores. Como principais resultados, foram obtidas informações a respeito da formação histórica, social e ambiental da CSA Guajuvira, bem como, a perspectiva dos co-agricultores da CSA a respeito da sua participação na comunidade e as mudanças possíveis em sua estrutura.

Palavras-chave: Agroecologia; rural-urbanização; circuito curto de comercialização e economia associativa.



**CASE STUDY OF THE CONSTRUCTION OF THE COMMUNITY THAT SUPPORTS AGRICULTURE (CSA) GUAJUVIRA, IN THE MUNICIPALITY OF SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, VALE DO PARAÍBA-SP.**

**Author: MATHEUS REIS ZERLOTE**

**Adviser: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARTA CRISTINA MARJOTTA-MAISTRO**

**Co-adviser: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ADRIANA ESTELA SANJUAN MONTEBELLO**

**Co-adviser: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. VALÉRIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS**

**ABSTRACT**

Profound changes began to take place in the agrarian structure from the 1950s onwards, which began the so-called "Green Revolution" which sought to enhance agricultural productivity with the use of chemical increments and technological machinery. In order to counter this form of production and commercialization, The Community that Sustains Agriculture (CSA) was born, which values the production of organic and/or agroecological foods combined with subsidizing production by consumers in urban areas. This case study described the formation of CSA Guajuvira in the municipality of São José dos Campos, in the Vale do Paraíba macroregion in the state of São Paulo. The case study methodology was used in order to collect data in ways: participatory, oral history and obtaining primary and secondary data through interviews, thus, systematizing information to understand the limitations, potential and challenges that this marketing model presents for farmers and co-farmers. As main results, information was obtained regarding the historical, social and environmental formation of CSA Guajuvira, as well as the perspective of CSA co-farmers regarding their participation in the community and possible changes in its structure.

**Keywords:** Agroecology; rural-urbanization; short marketing circuit and associative economy.



## 1 INTRODUÇÃO

Os desafios atuais para a construção e consolidação de um mundo mais sustentável perpassam principalmente pela forma que produzimos e consumimos nossos alimentos. As dimensões de um país continental situados dentro de um clima tropical, colocam o Brasil em uma situação extremamente privilegiada para o desenvolvimento de uma biodiversidade rica e única no mundo, reunindo diversas espécies de fauna e flora, criando complexos habitats nos mais variados biomas.

A produção de larga escala teve sua consolidação por volta da década de 1950, quando profundas mudanças passaram a acontecer na estrutura agrária. Nesse período posterior à 2ª Guerra Mundial, ficou conhecido como 'Revolução Verde', quando o desenvolvimento rural passa a contar com as sobras tecnológicas da guerra: armas químicas e mecânicas. Os responsáveis por iniciarem as pesquisas na área de aperfeiçoamento de maquinário e melhoramento genético das plantas com base nesses materiais é composta por países desenvolvidos da Europa, Japão e especialmente os EUA (GUIMARÃES,1982; DUTRA; SOUZA,2017).

O sistema de produção se baseava no desenvolvimento de sementes para a utilização em sua maioria, em países com clima temperado e/ou tropical, tendo o Brasil as condições ideais e favoráveis para sua disseminação (MATOS, 2010).

A inicialização da industrialização dos processos para produção de alimentos cria um cenário de evolução e contradição. Importantes avanços na biotecnologia e na engenharia genética são observados após esses investimentos em pesquisas para o desenvolvimento rural, que buscaram criar um ambiente oportuno para a produção em massa dos alimentos criando um cenário livre de pragas e predadores. A produtividade tem então, um salto na casa dos 150% já nos primeiros anos de implantação e cria uma nova dinâmica de exportação de matéria-prima nos países subdesenvolvidos, onde em sua maioria, grande parte do produto interno bruto é advento da venda desses grãos e cereais (PINAZZA, 1998; MATOS, 2010).



Os interesses internacionais ficam direcionados para a coordenação desse novo e mais rentável mercado de produtos com baixo valor agregado, as commodities. Para a produção desses alimentos com o maior rendimento, distintas ferramentas e produtos químicos se fazem necessários, como, complexos sistemas de drenagem e irrigação, grandes e pesados maquinários para trabalhar espaços maiores de território e sementes melhoradas geneticamente que apenas tinham seu potencial atingido com o advento de fertilizantes químicos e pesticidas para o controle de pragas. Tal união de tecnologias tinham o nome de ‘Pacote de Insumos’ que seria responsável pela otimização das plantações e conseqüentemente, das colheitas (GUIMARÃES, 1982; NETO & NETO, 2019).

Aliado ao contexto de regime militar instaurado em 1964 e devido a união de propostas para o desenvolvimento econômico apresentadas por militares em conjunto aos empresários alinhavam-se os interesses para tal revolução. Tais propostas baseavam-se em criar legitimidade para solucionar o problema social da terra colocando a parte, o envolvimento de operários e camponeses sem terra. Os latifundiários, por conta de seu acesso privilegiado às informações, alto poder aquisitivo e de apropriação de terras, mantiveram-se como a classe dominante nesse processo de desenvolvimento rural no Brasil. (NETO & NETO, 2019).

Nos cenários econômico e ambiental, a produção de commodities agrárias auxilia no suprimento de demandas externas ao invés de assegurar a soberania alimentar nacional causando um alto custo para a natureza. Desmatamento de vegetação original para criação de pastos, contaminação dos cursos d'água e lençóis freáticos pela alta demanda de agrotóxicos que colocam o Brasil líder em seu consumo desde 2008 (DUTRA; SOUZA, 2017; ROBLES, 2018; NETO & NETO; 2019; COSME, 2020).

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

O objetivo dessa pesquisa foi analisar um estudo de caso da construção da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Guajuvira no município de São José dos Campos, interior paulista.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Relatar como se deu o nascimento do Assentamento Nova Esperança I, onde fica localizada a CSA Guajuvira;
- Detalhamento da construção da CSA Guajuvira por meio de dados referentes a organização histórica, econômica, social e ambiental da atuação deste sítio e da importância da construção coletiva deste organismo agrícola;
- Detalhamento das perspectivas que essa organização econômica apresenta para os agricultores familiares.

A pesquisa foi concebida e apresentada em quatro capítulos: Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados e Considerações Finais. No primeiro capítulo, é abordado as características dos circuitos longos e curtos de comercialização, junto ao nascimento da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) como fator essencial para o tipo de organização social e econômica que esse organismo agrícola se estrutura. No segundo, a caracterização da área de estudo aprofunda não só em aspectos geográficos, mas também em caráter histórico, bem como, a forma que o pesquisador chegou aos dados para a construção da dissertação. O terceiro capítulo traz os resultados da pesquisa e faz uma discussão acerca dos temas. No quarto e último capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Circuitos Longos de Comercialização

O caminho que une o alimento na cidade com a produção rural pode perpassar por diferentes circuitos de comercialização. Os longos, dizem respeito a um maior número de intermediários que aparecem dentro da linha produtor-consumidor. Sejam eles supermercados, redes de varejo e outros intermediários que estipulam um valor mais barato para o produtor rural, lucrando posteriormente e deixando os custos da logística do alimento chegar à prateleira, com o produtor. Seja pela forma como esse produto chega ao estabelecimento, tendo que se responsabilizar pelos fretes, seja com o produto que não foi vendido e agora, precisa ser retirado sem remuneração, característica essa das vendas consignadas (FLEXOR, 2006).

De acordo com Flexor (2006), a construção da globalização dos sistemas agroalimentares, que dão origem aos circuitos longos de comercialização, provocou e provoca a reestruturação do sistema agroalimentar criando um novo e desafiador ambiente para empresas e agricultores em países em desenvolvimento como o Brasil, baseado em instituições internacionais que promovem a liberação do comércio e maior integração de mercados. Wilkinson (2002) aponta que, com a globalização de insumos alimentares padronizados, as *comodities*, as grandes empresas do setor alimentar deixaram de se preocupar e participar dos processos produtivos da origem dos ingredientes, uma vez que passam a ter tanto tecnologia para substituição por insumos químicos, quanto para acessar esses ingredientes no mercado globalizado de *comodities*, desvinculando-se de suas bases agrícolas.

Outra característica que se tornou fundamental para caracterizar os sistemas agroalimentares e conseqüentemente, os circuitos longos de comercialização, é o fato de as empresas produtoras de alimentos controlarem praticamente todo o processo de alimentação das pessoas (WILKINSON, 2002). Desde a produção do bem agrícola até a refeição que chega congelada para as pessoas, por meio da compra em grandes lojas do setor de supermercados, o sistema agroalimentar com o apego que criam em suas muitas marcas, passa a

definir a forma pela qual consumimos energia com base em alimentos ultra processados que são baratos, práticos e de fácil consumo junto a uma estética que o fazem parecer mais saudáveis do que realmente são em detrimento ao acesso a produtos sem aditivos químicos em sua formulação desde a origem (WILKINSON, 2002; GUIVANT,2009).

## **2.2 Circuitos Curtos de Comercialização**

Segundo Retière (2014), a literatura a respeito dos circuitos curtos de comercialização parte inicialmente da França e como globalmente, essa questão surge como fator determinante para compreender seu potencial dentro do desenvolvimento rural.

Essa forma de escoamento de produtos tem sido cada vez mais estudada na Europa, por conta de sua efetividade dentro do desenvolvimento rural, principalmente, para com os pequenos agricultores que buscam driblar mercados competitivos, padronizados e convencionais (VIEGAS, 2017). Um circuito curto de comercialização vai se caracterizar pela interação direta entre produtor e consumidor final, geralmente de produtos agrícolas ou transformados, podendo haver no máximo um intermediário entre eles, sendo uma feira, uma cooperativa ou um restaurante por exemplo (VIEIRA, 2020; VIEGAS 2017; MARÉCHAL, 2008).

Fazer com esse valor agregado do produto sendo vendido direto para o consumidor, cria uma dinâmica na qual o dinheiro circula mais e em maior quantidade sem os intermediários, valorizando os atores que estão geograficamente mais próximos e fazendo parte dessa forma de organização econômica (RETIÈRE, 2014). Com isso, os circuitos curtos de comercialização reúnem um conjunto de iniciativas que vão em oposição ao sistema tradicional de venda de produtos, que valorizam relações ecológicas mais sustentáveis, dando protagonismo aos atores sociais envolvidos e gerando uma renda mais adequada (RETIÈRE, 2014).

Alguns estudos realizados no Brasil reforçam a necessidade de se pensar os circuitos curtos de comercialização a partir dos atores sociais envolvidos. Contrigiani (2021), discorre a respeito de uma cooperativa, a Cooperflora, ligada

ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra, que por falta de políticas públicas para programas de aquisição de alimentos, se adaptou para venda de cestas agroecológicas, ligando os produtos produzido direto ao consumidor final na Região Metropolitana de Campinas. Já Vieira (2020), aponta sobre a pluriatividade comercial de uma comunidade quilombola que, a partir do acesso a políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), reproduz seus conhecimentos tradicionalmente construídos enquanto mantém sua estrutura social, econômica e ambiental com a venda direta ao consumidor final, gerando renda para os quilombolas e também, junto ao turismo e ao artesanato.

Com isso, abordar os circuitos curtos de comercialização, dando ênfase aos exemplos que ocorrem em nosso país, tende a demonstrar quais soluções já vem sendo praticadas e podem ser ainda mais divulgadas para pequenos agricultores e agricultura familiar. Nesse sentido, a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) fornece mecanismos que unem pessoas do meio urbano aos agricultores, em uma estrutura social que pensa para além do alimento, numa cooperação coletiva apta a se pensar e direcionar ações para mudanças efetivas na sociedade, como veremos no próximo item.

### **2.3 O nascimento da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)**

A necessidade de se criar estruturas sociais e ambientais mais sustentáveis que apreciem o desenvolvimento tanto nos meios urbanos quanto rurais, parte da união de interesses de ambas as partes. Neste sentido, a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é apontada como um dos mais importantes contramovimentos da agricultura industrial, onde parte da sua filosofia diz respeito à troca de aprendizados entre pessoas de dentro e fora das propriedades rurais criando dinâmicas de fortalecimento de indivíduos e comunidades.

Junto ao surgimento da antroposofia concebida pelo alemão Rudolf Steiner (1861-1925) surge também um dos primeiros conceitos de filosofia aplicável aos modelos de CSA. Baseando-se na “Lei Social Fundamental”, que destaca que “quão mais a pessoa trabalhe pelo benefício da comunidade, e quão

mais a comunidade for estruturada para prover as necessidades de cada indivíduo, maior será o bem-estar de toda a comunidade” (LAMB, p. 164, 2010) aponta a Economia Associativa<sup>1</sup> que busca valores sociais mais democráticos e igualitários. Steiner (2006, p. 43), aponta que: “O característico dos processos econômicos é que nos encontramos dentro deles. Devemos, pois, estudá-los a partir de dentro”. Com isso, um dos aspectos da economia associativa é de que ela deve ser pensada de dentro, com os atores sociais que a formulam, destrinchando cada um dos passos de seu desenvolvimento, não como algo a ser apontado por um terceiro que está “de fora observando” (TORUNSKY, 2014). O mesmo apresenta as associações, organismos onde existe um “senso de comunidade”, aliando trabalhadores, produtores, agricultores e consumidores os então atores sociais do meio econômico, como sujeitos aptos a se pensar horizontalmente os caminhos do processo econômico que estão inseridos junto a essa visão total da estrutura econômica que serviria de gênese para a criação do Teikei no Japão (LAMB, 2010; TORUNSKY, 2014; AMORIM, 2018).

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Japão também fez investimentos na ‘revolução verde’ e modernizou sua produção agrícola e não demorou muito para que médicos e pesquisadores ficassem preocupados com a alta utilização de produtos químicos. Um dos propulsores do contramovimento alimentar japonês, se deu com a iniciativa de criar cooperativas de leite, aliada a preocupação dos consumidores com a qualidade dos que eram provenientes da agricultura industrial (KONDOH, 2015).

Teikei, em tradução literal do japonês, significa parceria ou cooperação e foi com base nesse pressuposto que consumidores que estavam buscando por alimentos orgânicos se reuniram com 17 agricultores no início da década de 1970 no subúrbio de Tóquio, para promover suas contestações, necessidades e determinações. Estes consumidores agiram da seguinte da forma: 1) comprariam todo o volume produzido (garantindo renda); 2) forneceriam mão de

---

<sup>1</sup> De acordo com Neto e Torunsky (2014), Economia Associativa diz respeito a tomada de decisões de forma horizontal com a participação de todos aqueles que fazem parte da comunidade e/ou empreendimento, negando a ideia de autorregulação, livre mercado e não concordando com a ideia do Estado ser o regulador da economia.

obra (garantindo manejo) e 3) aceitariam os preços (garantindo futuros investimentos), tornando-se base da filosofia teikei com base nos riscos que os agricultores teriam, criando um movimento de base que busca fortalecer agricultores e consumidores a fim de criar uma sociedade sustentável e equitativa (KONDOH, 2015).

Em 1971 a Associação de Agricultura Orgânica do Japão (JOAA), organização não governamental de contramovimento, liderou o teikei com apresentações de workshops e seminários e junto a presença de agricultores e consumidores. Já em 1978 criaram os 10 princípios teikei: 1) envolvimento em assistência mútua; 2) planejamento em conjunto; 3) aceitar todos os produtos pelos consumidores; 4) preços para benefício mútuo; 5) compreensão, respeito e confiança mútuas; 6) auto entrega para interação consumidor vs agricultor; 7) gestão democrática; 8) enfatizar o aprendizado; 9) tamanho viável para a prática orgânica; e 10) progresso constante para objetivos finais do teikei que apontam para o papel fundamental em apoiar a agricultura orgânica com base em ações coletivas e não individuais (KONDOH, 2015).

Em pouco tempo a Europa conhece os seus próprios modelos de cooperação entre consumidores e agricultores. Em 1978, na Suíça, com o Les Jardins de Cocagne e em 1988, na Alemanha, com as Solidarische Landwirtschaft - SoLaWi nascem as primeiras experiências europeias do que viriam a se tornar as CSA'S (AMORIM, 2018). Já nos EUA, nasce a Agricultura Apoiada pela Comunidade (AAC) a partir da experiência europeia e japonesa da década de 1970, tratando-se também, de um acordo entre agricultores e consumidores para criar um subsídio para a produção de alimentos com um destino final que assegura a produção inicialmente (BRANCO, 2011).

## **2.4 A CSA no Brasil**

Aqui no Brasil, a primeira experiência parecida com o modelo de CSA começa no ano de 1997, em Fortaleza no Ceará com o nome de - Associação de Desenvolvimento da Pecuária Orgânica (ADAO), mantendo-se em atividade por 10 anos (AMORIM, 2019; YAMAMOTO, 2006). Em 2011, na cidade

Botucatu, surge a CSA Demétria, a mais antiga do Brasil, que se mantém em atividade até hoje.

A CSA Brasil, atua como órgão gestor sem fins lucrativos que dá suporte as demais experiências de CSA no país e foi inaugurada em 2013 e se sustenta a partir de taxas de associações e doações tendo como meta proteger pequenas estruturas agrícolas por meio da criação de sítios de CSA, Brasil a fora (PAIVA, 2019). Surge com o intuito de orientar CSA's desde o momento de sua implantação, acompanhando e supervisionando projetos buscando garantir o futuro desses empreendimentos agrícolas com base na cooperação e financiamento dos chamados co-agricultores, pessoas essas que vão auxiliar na construção da autonomia financeira dos agricultores ao mesmo tempo que recebem alimentos orgânicos semanalmente (BENINI, 2017; PAIVA 2019; CSA BRASIL, 2022).

De acordo com o site (CSA BRASIL 2022), o país conta com 90 CSA'S em funcionamento e mais 30 em processo de criação, atendendo mais 5.000 famílias com cerca de 15.000 pessoas envolvidas em seus processos, tendo como objetivo:

Promover o desenvolvimento da economia associativa por meio da agricultura comunitária entre agricultores e consumidores, em âmbito nacional, para se chegar a uma Escultura Social (Arte Social), com ações de apoio e educativas para que o agricultor deixe de vender seus produtos por meio de intermediários e conte, para organização e financiamento de sua produção, com a participação dos membros consumidores, colaborando para o desenvolvimento sustentável, comércio justo e fraterno, assegurando a oferta de produtos orgânicos/biodinâmicos, sem prejuízo ao meio-ambiente (utilização do solo e recursos naturais), proporcionando por fim uma alimentação saudável para todos os envolvidos na comunidade. (CSA Brasil, 2019)

Tendo em vista todo o fortalecimento que a CSA tem como iniciativa a cooperação aliado ao fortalecimento de organismos agrícolas em suas escalas nacionais e mundiais, se torna clara sua importância para estudos acadêmicos e no Brasil, são encontrados alguns estudos a seu respeito. É apontado por MELO (2020), um estudo de caso em duas CSA's no estado de Minas Gerais,



uma na capital Belo Horizonte e outra no município de sete lagoas, o escopo para o âmbito analítico da comunidade em suas decisões e organizações coletivas ao passo que compreendia a forma direta que as pessoas que formam a comunidade acessam o alimento.

Segundo Paiva (2019), as CSA's se caracterizam com um mercado alternativo na qual consumidores e agricultores se unem visando o sustento do organismo agrícola em trocas do fornecimento de alimentos tendo como base uma estrutura filosófica própria e diferente dos demais mercados mais bem difundidos. Já Torunsky (2019), constrói um estudo de caso da CSA São Carlos no interior paulista, pautando a experiência inovadora em cooperação a partir da busca de uma nova perspectiva ao associativismo, pautados em compromisso com a agroecologia, a solidariedade, confiança mútua e localidade. Enquanto Amorim (2018), traz um estudo inédito a respeito das CSA's no Brasil, fazendo um paralelo do funcionamento de comunidades na Alemanha com as que funcionamento interior do estado de São Paulo, buscando parâmetros econômicos, sociais e ambientais que se complementam ou se contradizem, trazendo uma perspectiva macro da estrutura da CSA nesses dois países.

A organização de dados a respeito do histórico das CSA's no Brasil e no mundo, aliado a estudos que trazem um olhar mais próximo das particularidades de cada comunidade. Conseguimos traçar um paralelo com a atuação da agroecologia, enquanto aporte teórico e prático a se pensar o desenvolvimento rural sustentável, uma vez que se apoia na ação social coletiva de determinados setores da sociedade civil diretamente ligados ao manejo de recursos naturais (GUZMÁN, 2002). De acordo com Altieri (1985), a agroecologia pode ser definida como “uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agro ecossistemas produtivos, que conservem os recursos naturais, que sejam culturalmente apropriados, socialmente justos e economicamente viáveis”, estando assim, intrinsecamente ligada a base filosófica e prática do funcionamento das CSA's.

Diante disso, essa pesquisa, buscou construir um estudo de caso a respeito de uma CSA em específico, a CSA Guajuvira, localizada em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), o Nova

Esperança I, no município do interior do estado de São Pulo de São José dos Campos.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Área de estudo**

O desenvolvimento dessa pesquisa se deu início em meados de outubro de 2021, com a criação de um pré projeto de pesquisa para pleitear uma vaga no Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Araras. Um professor que havia me dado aulas de cultivo de plantas no ano anterior, me apresentou aos donos do Sítio Guajuvira, tendo em vista essa minha pré disposição para encontrar um tema para a futura dissertação. Desde então, fiz visitas semanais ao organismo agrícola buscando compreender melhor como se dava a relação dos agricultores com os moradores da cidade que financiam sua produção de forma anual, aliado à minha participação nas disciplinas e desenvolvimento da parte escrita da pesquisa. Com isso, após algumas reuniões com minha orientadora, decidimos delimitar em um estudo de caso a respeito da CSA que foi desenvolvida dentro deste mesmo Sítio, que leva o nome de Guajuvira.

A área de pela qual se deu esse estudo de caso é um dos 64 lotes pelos quais o Assentamento Nova Esperança I, no município de São José dos Campos foi dividido. Com um tamanho de cerca de 4,5 hectares, esse espaço onde se deu início a primeira CSA da macrorregião do Vale do Paraíba no interior paulista em 2017, apresenta diversas particularidades que partem desde sua concepção até seu nível de atuação atual dentro do meio rural do município. No capítulo de Resultados, abordarei um pouco mais sobre a caracterização da área de estudo, apresentando mais detalhes sobre o município, nascimento do assentamento e da CSA Guajuvira, respectivamente.

### **3.2 Estudo de Caso**

A concepção de estudo de caso se baseia em quatro partes importantes para seu delineamento: a) delimitação da unidade-caso; b) coleta de dados; c) seleção, análise e interpretação de dados; d) elaboração do relatório (GIL, 2008).

A possibilidade de se descrever um estudo de caso vai ao encontro com a oportunidade de aprofundamento de um objeto em específico, com todas as perguntas, indagações e reflexões que um fenômeno possa oferecer em um espaço de tempo pré-estabelecido, tornando seu resultado material teórico fruto de uma experiência empírica com ricas informações a serem utilizadas em estudos posteriores gerando comparações e novos pontos de partida (VENTURA, 2007).

### **3.3 Dados utilizados na pesquisa**

#### **3.3.1 Dados primários por meio de entrevista, questionário e análise documental**

Foram realizadas entrevistas com os dois proprietários do Sítio Guajuvira, idealizadores da CSA (Apêndice I) e questionário com seus co-agricultores (Apêndice II). Tanto na entrevista quanto no questionário, foi possível a obtenção da história oral da formação da CSA. A narrativa se tornou então, o seu principal alicerce pois pressupõe-se a gravação de entrevistas com caráter histórico e documental com os atores desses acontecimentos compartilhando as suas vivências, memórias, aptidões, planejamentos e reflexões com base em perguntas organizadas a chegar à obtenção de respostas que vão ao encontro a um ou mais objetivos da realização da pesquisa (ALBERTI, 2002).

Para que a comunicação e o diálogo fossem parte das fontes de dados, basear as conversas nos elementos da história oral se fazem necessários para a concepção de um ambiente mínimo de construção de uma organização de obtenção de dados, onde os elementos necessários são o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação e/ou anotação de dados obtidos (ICHIKAWA; SANTOS, 2010).

Ressalta-se que toda a coleta de dados primários somente teve início após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres

Humanos da UFSCar (Protocolo nº 68456723.9.0000.5504) e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por parte dos(as) participantes da pesquisa.

### **3.3.2 Dados secundários em literatura referenciada**

Para que a pesquisa se torna-se mais completa no que diz respeito a detalhes da vida dos agricultores e também, da construção da CSA, foram utilizados dados secundários de entrevistas, estudos ou outros artigos em que esses mesmo agricultores e proprietários do Sítio Guajuvira vieram a participar nos últimos anos, como, uma entrevista ao Instituto AUÁ de Empreendedorismo Socioambiental (AUÁ, 2021) e também, ao Caderno Síntese do Curso de Formação ATHIS RURAL: Diagnósticos, núcleos de base e agendas coletivas (PEABIRU TCA, 2021).

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 Caracterização da área de estudo**

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVP) é uma das 9 regiões metropolitanas do Estado de São Paulo, ocupando uma área de 6,52% de sua área total equivalente a 16.177, 76 km<sup>2</sup> divididos em 39 cidades que totalizam 2.598,678 habitantes, mostrado no mapa a seguir, um destaque para os municípios que formam esta macrorregião (IBGE, 2021; ALESP, 2022\*).

**Figura 1:** Mapa do estado de São Paulo com destaque para os municípios que formam a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.



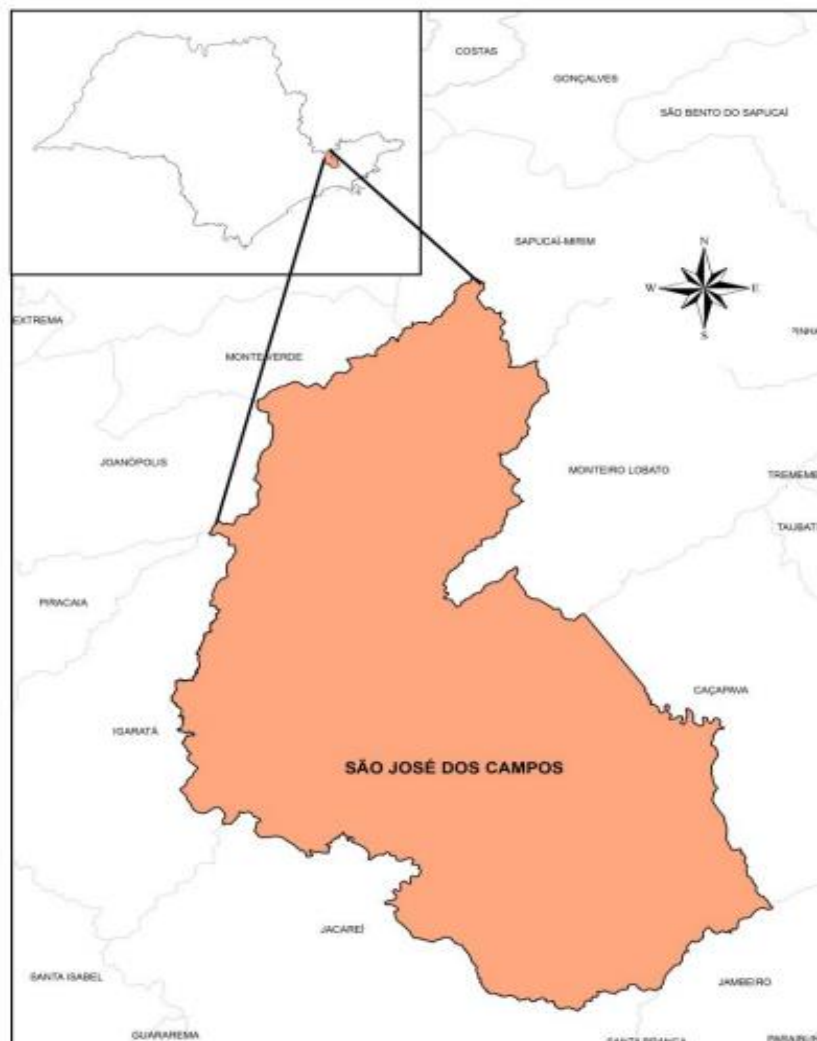
**Fonte:** JUNIOR, M. O E. (2012)

São José dos Campos é considerada a maior cidade desta macrorregião, sua cidade sede e também a mais populosa com 738 mil moradores (IBGE, 2021), conhecida pela área de desenvolvimento aeronáutico assim como sede de importantes indústrias, centro referência em comércios, serviços especializados e atendimento médico, juntamente a modelos sustentáveis de desenvolvimento urbano com grande foco em preservação de áreas verdes dentro do município (BORGES 2004; PMSJC, 2013).

Fazia parte das cidades da região que tinham grande parte de sua renda gerada a partir da exportação da *commodity* de café, que teve seu ápice da segunda metade do século XIX até o fim da República Velha, com a grande crise de 1929. Privilegia-se dos investimentos para a supressão da via agrária a partir das décadas de 1960 e 1970 com a construção de multinacionais, investimentos militares para a construção do Centro de Tecnologia Aeroespacial (CTA) e

Rodovia Dutra que criou um eixo entre as grandes capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, como podemos observar na figura 2 (MOTA, 2011; LESSA, 2004).

**Figura 2:** Localização da cidade de São José dos Campos, entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro

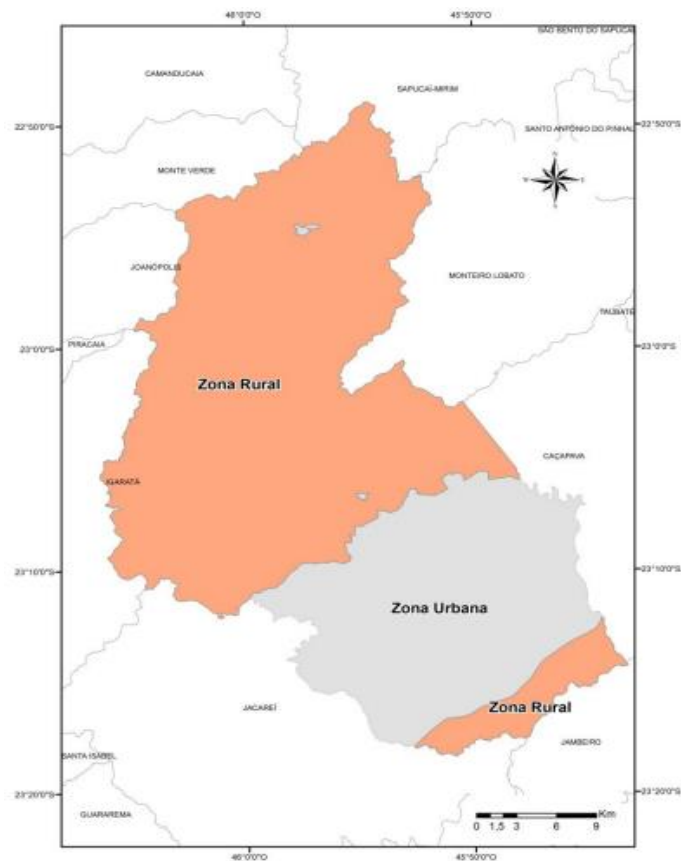


**Fonte:** PMSJC, (2013)

Ainda que conhecido pela sua importância tecnológica e industrial, o município contribui para a sustentabilidade do estado dedicando grande área de seu perímetro às unidades de conservação. As Áreas de Proteção Ambiental municipais denominadas APAs I (Serra da Mantiqueira), II (Rio do Peixe), III (Serra do Jambeiro), e IV (Rio Paraíba e Rio Jaguari) ocupam aproximadamente

670 km<sup>2</sup>, se somadas as unidade de conservação das esferas federal e estadual existentes totalizam 820,3 Km<sup>2</sup>, representando 74,6 % da área total do município possuindo uma área rural estimada em 745,7 km<sup>2</sup> (cerca de 68% de seu território total, como observado na figura 3), com 98% da população na zona urbana e 2% na rural. Embora bastante extensos os territórios rurais, a agropecuária é responsável por 0,15%, enquanto a indústria responde por 48,31% e o setor de serviços por 51,54% das atividades desenvolvidas na cidade (PMSJC, 2013).

**Figura 3:** Separação entres as zonas rural e urbana de São José dos Campos.



**Fonte:** (PMSJC, 2013)

Desta forma, o Assentamento Nova Esperança I, onde se fica a CSA Guajuvira, localiza-se entre as manchas urbanas e rural do município, auxiliando no escoamento dos alimentos produzidos.

## 4.2 O nascimento do Assentamento Nova Esperança I

O papel de nascimento e desenvolvimento da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Guajuvira, parte inicialmente pela compreensão de como se deu a concepção do Assentamento Nova Esperança I onde fica localizado o sítio.

A ocupação da Fazenda Santa Rita que viria a se tornar o assentamento, deu-se inicialmente por 180 famílias totalizando 400 pessoas, que chegaram de ônibus fretados na manhã do dia 16 de setembro de 1998, como noticiado na figura 4 pelo Jornal Vale Paraibano (VALE PARAIBANO, 1998).

**Figura 4:** Notícia da ocupação pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra, pelo jornal de circulação regional, Vale Paraibano.



Fonte: ValeParaibano, (17,set,1998)

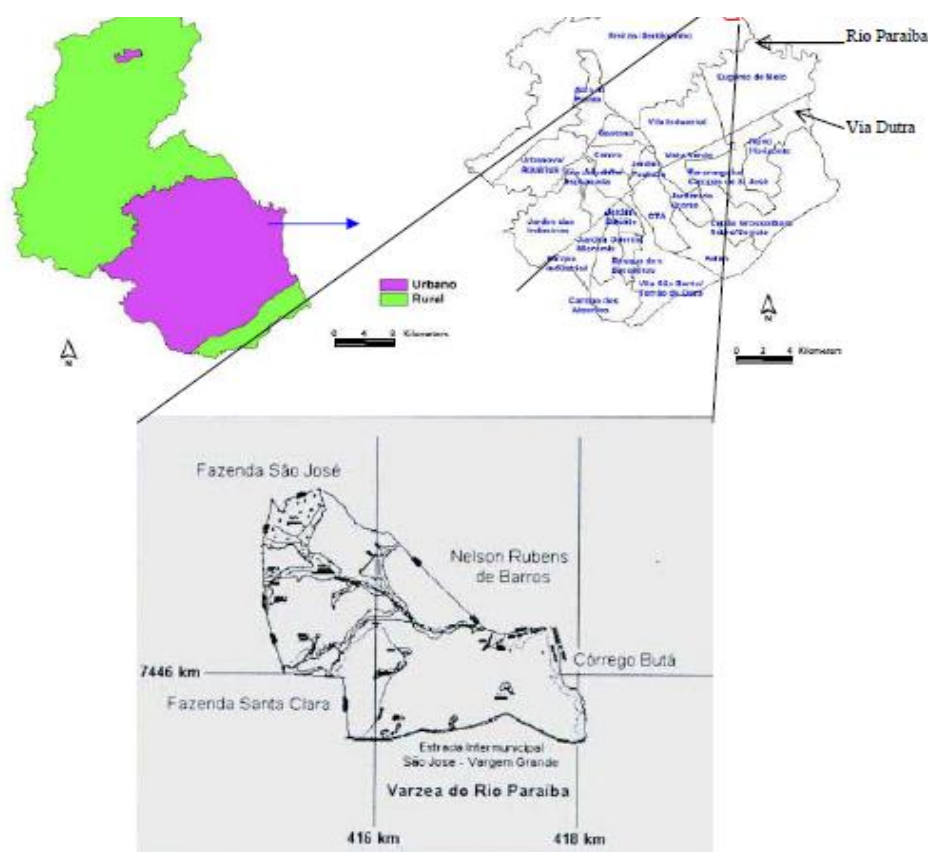


Parte da matéria que noticia a luta dos trabalhadores destacou algumas informações:

Um grupo de 180 famílias de sem-terra invadiu ontem pela manhã a Fazenda Santa Rita, na estrada da Vargem Grande, na zona rural de São José dos Campos [...] O proprietário da Fazenda Santa Rita, Valdir Almeida Pena, deverá encaminhar uma ação de reintegração de posse da área invadida ontem pelos sem-terra (Vale Paraibano, 17 set. 1998, cad. 1, p.3).

Na figura 5, podemos observar um croqui de como era a Fazenda que foi ocupada, sua localização no município e também, com quais outras fazendas fazia limite.

**Figura 5:** Croqui da área onde ficava localizada a Fazenda Santa Rita.



**Fonte:** PMSJC, PDA Santa Rita, (2002, p.8)

Uma área periurbana diz respeito à proximidade que uma zona rural tem da área urbana, sendo essa uma das principais características que o grupo de trabalhadores sem-terra buscava na época, tendo em vista as possíveis facilidades que a aproximação com a cidade poderia trazer para o escoamento de produtos, construção e manutenção das propriedades e da vida de maneira geral. Com tudo, diferente do que foi dito na matéria, a Fazenda Santa Rita estava localizada então na mancha urbana do município de São José dos Campos, estando a cerca de 13km do centro da cidade e a cerca de 5km do bairro mais próximo, Santana, fazendo divisa com a cidade de Caçapava (RICHELMANN, 2006).

É apontado por Richelmann (2006), uma entrevista com uma das pessoas que estava presente até mesmo antes da ocupação da Fazenda Santa Rita, mostrando as andanças e mundanas que os trabalhadores passavam pelo Vale do Paraíba em busca de um local para morar e trabalhar:

No decorrer do ano de 1977 inicia-se o trabalho de base em várias regionais e várias famílias se juntaram para a primeira ocupação no Vale do Paraíba, na Fazenda Conquista, em Tremembé-SP. Como não havia famílias suficientes para ocupar um latifúndio, pedimos uma área emprestada para juntar mais famílias dentro do assentamento Nova Conquista, Tremembé, onde ficamos por três meses até que mais famílias aderiram ao movimento, e, em 23 de fevereiro de 1998, às 18 horas, ocupamos a Fazenda Sapucaí, em Pindamonhangaba. Permanecemos nesta fazenda por sete dias e passamos por muitas dificuldades, inclusive falta de comida e remédio, até que conseguimos que o Dep. João Paulo Cunha entrasse para visitar as famílias. Mesmo tendo conhecimento de que a terra era improdutiva, a Juíza concedeu a reintegração de posse. Antes da decisão, alguns jagunços e policiais já haviam tentado nos tirar de lá. Caminhamos durante quatro horas sob chuva – mulheres, idosos, crianças, gestantes, deficientes físicos... e às 23:30h chegamos até a Rod. Pres. Dutra onde nossos pertences foram jogados e lá permanecemos por cinco meses. Depois de muito tempo alimentando sopa de fubá com serralha, recebemos doação vinda de Osasco, trazida pelo Pe. Tião e outra trazida pelo Pe. Zezinho aliviando um pouco nosso sofrimento. A CPT também nos ajudou com remédios, roupas e, principalmente, apoio moral. Além dos gêneros de primeira necessidade que nos faltavam, ainda sofremos perdas

humanas, como o jovem João que morreu atropelado na Dutra quando foi buscar água, a pequena Janaína que faleceu no posto de saúde de Moreira César, e D. Evangelina, que era hipertensa. No dia 10 de julho de 1998, domingo, ocupamos a Fazenda Boa Vista. Os homens e parte das mulheres do assentamento faziam a segurança durante a noite, enquanto a polícia fazia terrorismo do lado de fora. Na terça-feira seguinte, às 7 horas da manhã, chegou a liminar de despejo. Os advogados conseguiram prorrogar o prazo por mais dois dias. Era o mês de agosto/1998. Ocupamos a Fazenda Cataguá, pertencente à Nossa Caixa Nosso Banco. Lá foi um pouco mais tranquilo, mas a fazenda era pequena para acomodar tanta gente. Uma outra ocupação estava prevista e aconteceu no dia 16 de setembro. Ocupamos a Fazenda Santa Rita (Richelmann, 2006).

Foi de extrema importância o papel de intervenção do MST na ocupação da Fazenda Santa Rita, um empreendimento imobiliário que não cumpria com suas funções sociais e que estava sob nome do Banco da Amazônia, mas em posse do grileiro Valdir Pena, que utilizava o espaço para pastos e concentração fundiária (MOTA, 2011).

Pessoas do Partido dos Trabalhadores (PT) no MST, que incentivaram uma aliança operário-camponesa e organizaram reuniões em bairros operários do ABCD, Osasco, Guarulhos, Campinas, Porto Feliz, Mogi, Suzano e na capital, São Paulo, onde entraram em contato com trabalhadores que estavam desempregados e convivendo outras dificuldades e que tinham interesse em lutar pelo direito à terra (MOTA, 2011).

O Governo Federal, na época representado por Fernando Henrique Cardoso (FHC), criminalizou todo e qualquer tipo de ocupação feita pelo MST ou outros movimentos sociais incentivando represálias. Iniciada na madrugada de 16 para 17 de setembro de 1998, a ocupação da Fazenda Santa Rita conviveu com intimidações de policiais militares e jagunços, contando com um aparato estrutural e institucional para seu funcionamento. O Governo Federal (FHC, PSDB) e o então prefeito Emmanuel Fernandes (PSDB), davam apoio das forças armadas ao grileiro Valdir Pena em prol da manutenção do latifúndio (MOTA, 2011).

Foi na madrugada de 19 para 20 de dezembro de 1998, que dois acampados que faziam parte da liderança do movimento na ocupação, Roberto Duarte de Oliveira e Jurandir dos Santos, foram brutalmente assassinados com disparos na cabeça. Os assassinatos ganharam repercussão nacional e internacional, dada a brutalidade das mortes e por conta da impunidade do arquivamento do inquérito por conta da falta de provas. Tal repercussão não foi suficiente para a apuração dos crimes, mas possibilitou que o processo de conquista da terra acelerasse, obrigando FHC a assentar 64 famílias entre 17 de fevereiro de 2000 e 11 de maio de 2001 (MOTA, 2011; RICHELMANN, 2006).

O Sítio Guajuvira está então, localizado no Assentamento Nova Esperança I, entre as manchas rural e urbana do município como ilustra a Figura 6.

**Figura 6:** Localização do Assentamento Nova Esperança I.



**Fonte:** PMSJC, (2013)

### 4.3 O nascimento da CSA Guajuvira

A criação da CSA Guajuvira, que é a primeira CSA do Vale do Paraíba, sucede a formação do Sítio Guajuvira. O Agricultor 1, que é um de seus proprietários e natural do Rio Grande do Sul, durante a gravação de um mini documentário para o Instituto AUÁ (AUÁ, 2021), narra um pouco como se deu sua vocação tanto para a agricultura quanto para participar do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) além de falar um pouco da sua trajetória até o interior paulista:

Sempre preferi o meio rural, mesmo desde pequenininho. Depois ali uns 14 anos de idade nós se mudamos para a cidade, mas aos 20 anos de idade eu retornei e fui acampar no Movimento Sem Terra lá no Rio Grande do Sul em 1990. Como eu era assentado lá no Rio Grande do Sul eu tive a sorte de encontrar um gaúcho que morava aqui e que queria retornar para o Rio Grande do Sul, né, aí a gente fez uma troca né, uma permuta. Ele foi pra lá e eu vim pra cá daí né. Quando chegamos aqui, era quase que exclusivo braquiária né, pra pastagem, há 7 anos e meio atrás (início de 2015) (AUÁ, 2021).

Trabalhou em cooperativas no Rio Grande do Sul e foi convidado para atuar em São Paulo, pela Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP) – uma das maiores produtoras de arroz orgânico da América Latina (PEABIRU TCA, 2021).

Já a Agricultora 2, companheira do Agricultor 1, é natural da cidade de Crixás (GO), vem de uma família de camponeses sem terra e iniciou-se na militância do MST junto com sua mãe aos 15 anos de idade, sendo acampada até os seus 19 anos (PEABIRU TCA, 2021). Por meio da militância, observou que tinha outras perspectivas para atuar no mundo e mudou de cidade, trabalhou como empregada doméstica para poder permanecer no curso de Agronomia ao qual teve acesso pela Universidade Federal de Goiás, por meio de cotas.

Os agricultores se conheceram em uma feira de exposições da agricultura familiar, em Goiás. Interessada em saber mais sobre as diferenças entre o arroz de sequeiro, produzido em Goiás, e o arroz alagado, produzido no Sul, ela iniciou uma conversa com Altamir, que estava representando a COOTAP. Segundo ela, “a explicação foi tão boa, que estamos juntos até hoje” (PEABIRU TCA, 2021). São integrantes da APOENA, Rede Agroecológica do Vale do Paraíba que é formada agricultores da região com o intuito de realizar certificação orgânica desses produtores rurais (PEABIRU TCA, 2021).

O Sítio fica então, localizado em um dos 64 lotes que variam de 4 á 5 hectares pelos quais o Incra dividiu o Assentamento entre 2000 e 2001, e conforme figura 7, temos dimensão de como é a vista aérea desse organismo agrícola.

**Figura 7:** Fotografia aérea feita por drone do Sítio Guajuvira.



**Fonte:** AUÁ, (2021)

Grande parte do lote é constituída por SAF's e hortas, de itens que são oferecidos nas cestas da CSA. A figura 8 apresenta essa divisão, de uma perspectiva geral do Sítio.

**Figura 8:** Vista aérea com localização dos SAF's e das hortas.



Fonte: PEABIRU TCA, (2021)

A figura 9, legenda as partes circuladas da figura anterior e agrega detalhes de onde e quais alimentos eram produzidos até o ano de 2021.

**Figura 9:** Legenda das áreas circuladas.

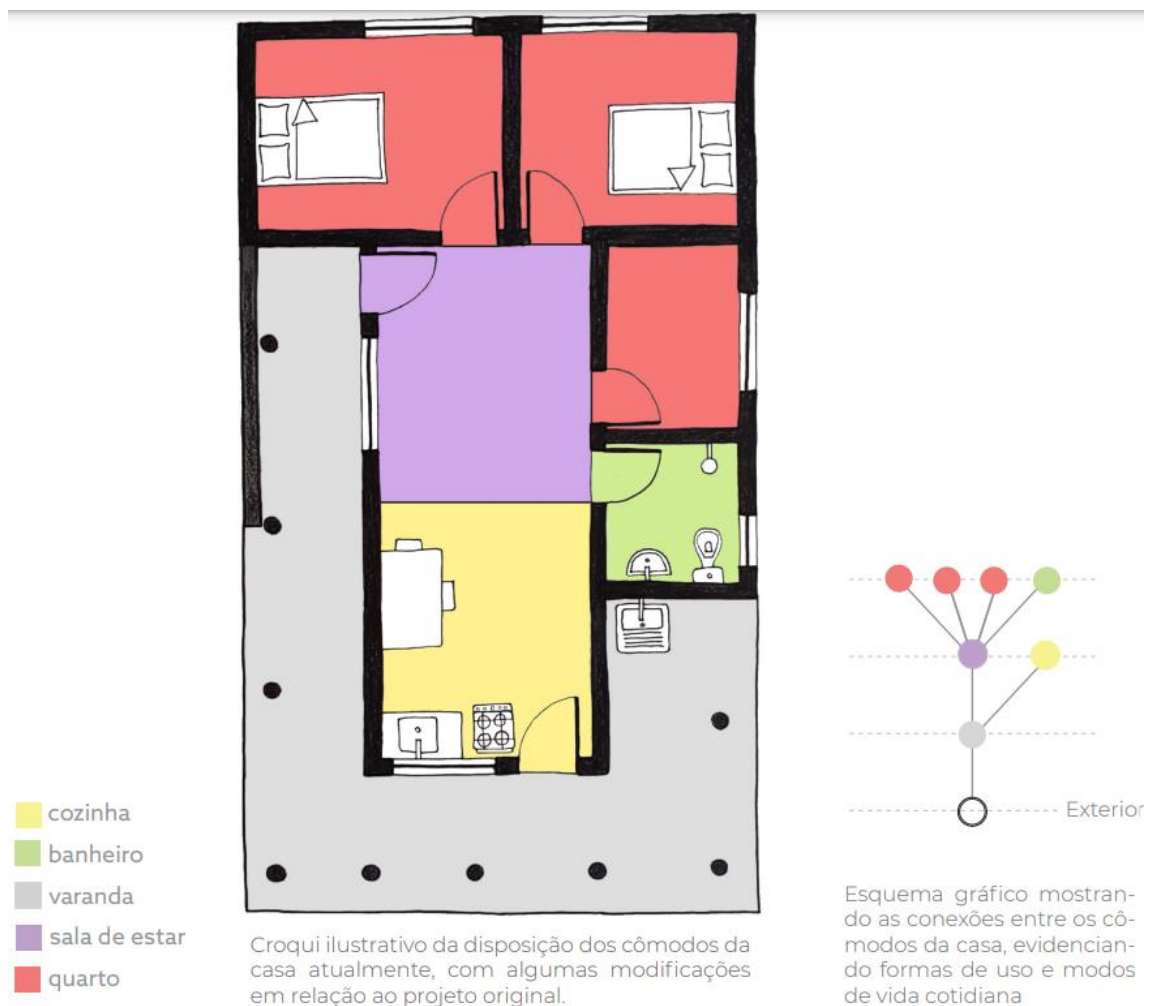


Fonte: PEABIRU TCA, (2021)



A casa dos agricultores, é uma construção que remonta a época em que a antiga Fazenda Santa Rita se tornou Assentamento. Nela, são realizadas as dinâmicas cotidianas da família e de tempos em tempos, na área externa, a produção de melado de cana em um grande tacho, alimentado por fogo a lenha.

**Figura 10:** Croqui da casa dos agricultores.



**Fonte:** PEABIRU, (2021)

Compreendendo melhor com as ilustrações, como é formada a estrutura do Sítio, podemos nos desprender da história de formação da CSA Guajuvira. Os agricultores, antes de se organizarem para a formação dessa CSA, faziam entregas a uma CSA no município de Santo André, Região Metropolitana de São

Paulo. O agricultor 1 relata que conheceu esse formato de comercialização durante uma conversa com um amigo, que os convidou para participar da CSA como agricultor, fornecendo alimentos a cada 15 da cidade do Grande ABCD.

Na época, a Agricultora 2 ainda não morava no sítio e quem produzia para a CSA eram os dois amigos que haviam lhe apresentado esse formato de comercialização. Foi pouco tempo depois que o casal passou a assumir a produção e também, as entregas a Santo André, como aponta o Agricultor 1:

[...] Como eu trabalhava fora pro MST, acho que a Agricultora 2 nem tava morando aqui ainda, aí eles que foram produzir, né, aqui em casa né, eles vieram, moraram aqui, e eles que estavam produzindo, né. Só que aí, quando a Taís veio pra cá morar com nós, nós assumimos a produção, né. Começamos nós mesmos fazer os canteiros, tudo, literalmente assumir a produção. Aí foi indo, tava bom, tava legal, o grupo já estava com uns 25 co-agricultores, e a gente entregando a cada 15 dias lá. Foi uma boa experiência lá com eles.

A mudança entre fazer entregas para o município de Santo André e criar uma CSA na cidade de São José dos Campos, surge a partir de um contato em São Paulo, de uma mulher que viria a ser uma das primeiras co-agricultoras da CSA Guajuvira, procurando dentro do MST, por agricultores que pudessem produzir alguns produtos para uma escola em que ela participava. Agendaram uma conversa em uma padaria da cidade, onde o Agricultor 1 pode explicar um pouco mais sobre o formato de CSA e como ele poderia se encaixar na demanda em que ela havia oferecido. Diante da curiosidade dela, se proporem a criar uma CSA na cidade, organizando reuniões, chamando mais pessoas interessadas, marcando reuniões com a CSA Brasil para entender de forma mais completa a estrutura base da CSA, até que em setembro de 2017 iniciaram o primeiro ciclo da CSA Guajuvira, sendo a pioneira no Vale do Paraíba com 15 co-agricultores e passando a pouco mais de 20, já no mês seguinte.

#### **4.4 Financiamento e organização econômica**

Para que a CSA Guajuvira pudesse produzir e fazer as entregas semanais das cestas a seus novos co-agricultores no município, agora em São José dos Campos, elaboram juntos um orçamento que fosse compatível com as necessidades de produção apresentadas pelos agricultores, definindo um valor mensal para cada família participante. Essas reuniões acontecem sempre ao final e ao início de cada temporada, levando o nome de ciclo.

Essa elaboração de orçamento leva em conta pontos importantes a respeito da produtividade para o ano seguinte, como meios de produção. Esse item leva em conta gastos com sementes, mudas de árvores e hortaliças, adubação verde, condicionadores de solo (calcário e esterco de galinha), madeira triturada, combustíveis e lubrificantes para os equipamentos, gastos com frete de alguns itens, irrigação e caixas para a distribuição. Gastos também com equipamentos e ferramentas, adicionando um valor que equivale a 10% relativo a depreciação devido ao uso dos mesmos. Construções, instalações e reformas também foram precificadas dentro do período do ano seguinte. A mão-de-obra de ambos os agricultores, um dos itens mais importantes, foi colocada dentro deste orçamento junto aos custos com veículo e também a questões administrativas e de moradia, como energia, internet e consumo de água. Decidiram então, a um valor de R\$160,00 mensais para cada família.

Durante entrevista ao Instituto AUÁ, (AUÁ,2021), a Agricultora 2 conta um pouco da sua percepção em relação a participação dos co-agricultores no desenvolvimento do organismo agrícola:

[...] É um grupo que tá muito preocupado não só se o alimento é orgânico, mas se o alimento leva em consideração as condições do agricultor e da agricultora que estão produzindo, procuram formas novas de fazer, eles vêm na prática, vem doido pra roçar, rastelar, pra podar, e uma galera que tá tão ansioso quanto a gente pra ver a evolução do sistema (AUÁ, 2021).

Porém, um dos fatores que aliados a elaboração dos orçamentos são cruciais para a produtividade da CSA Guajuvira, é a constância na participação dos co-agricultores nas atividades cotidianas do sítio. Em entrevista para o autor, o Agricultor 1 conta um pouco mais sobre o histórico de atuação da comunidade:

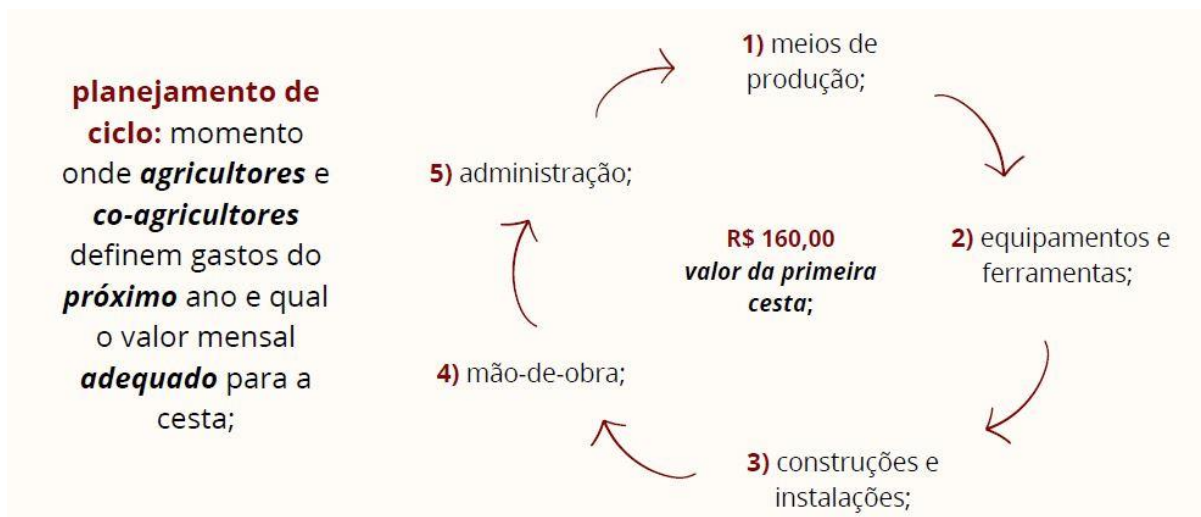
[...] Olha, no início, lá do CSA, a gente tinha uma participação maior aqui né, e, assim, no orçamento sempre tem um pequeno grupo que contribui, né, na elaboração do orçamento. É, às vezes a gente faz questionários online pro pessoal responder, né, a gente faz algumas perguntas direcionadas, né, e aí a maioria acaba respondendo né, no início assim, po, o pessoal participava bastante. De vir ajudar a plantar, ajudar a colher, as atividades culturais. Eu acredito que um pouco, de ta bem diferente de hoje, é do pessoal tá assumindo muita coisa, muita tarefa, muito trabalho, e daí, diminuiu a participação né. Mas mesmo assim, sempre tem uns 10 ou 15% das pessoas que sempre tão junto né [...], e quando a gente faz atividades culturais sempre vem bastante gente aqui em casa né [...] vamo ver né, se a gente agora alterar o horário ou o dia da distribuição, né, então, facilite para as pessoas vir ajudar a colher... o ideal é colher no sábado de manhã.

A Agricultora 2 complementa:

É, já teve momentos de mais envolvimento mesmo, nas colheitas, toda quarta-feira o pessoal vinha ajudar a plantar. A galera se engaja muito com os mutirões, né, quando tem mutirões vem bastante co-agricultor. E a CSA Guajuvira é um CSA meio doida. É uma CSA, que é um pessoal da esquerda, de uma esquerda bem atuante em São José. O pessoal vem aqui, ajuda a plantar, ajuda a colher, mas aí se envolve na construção de Armazém do Campo, se envolve, ah, se envolve nas demandas do banhado, que é o Nova Esperança, se envolve nas demandas da região inteira.

O fluxograma produzido pelo autor na figura 11, foi baseado nas informações da entrevista com os agricultores, de como se deu a formulação do valor da primeira cesta. Nela, pode-se observar a forma pela qual se articulam as despesas previstas para todo aquele ano e como, é repassado para o valor mensal da cesta:

**Figura 11:** Planejamento de ciclo da CSA Guajuvira.



Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.5 Organização social da comunidade

Nesses últimos anos de CSA, muitas foram as tentativas de se organizar frente as demandas e desafios que se estabelecem em produzir cotidianamente para mais de 40 famílias. A comunicação entre os agricultores e co-agricultores se torna então, o alicerce principal para a movimentação de informações dentro da comunidade e a utilização de grupos em redes sociais aparece como um facilitador desse processo.

Porém, é relatado pela Agricultora 2 que em muitos momentos, a divisão das pessoas em muitos subgrupos atrapalhava a tomada de decisões e uma participação um pouco mais ativa no sítio:

[...] No início a gente queria muito que os grupos funcionassem redondinho, e que, a gente chamava isso de transparência né. Mas só que a transparência, né, não funcionava. A gente reparou que nesse trajeto, se a gente quisesse toda essa transparência, tipo: "*Plantou tomate, ah, mas não foi tomate na cesta, como que não foi tomate na*

*cesta se foi plantado, ah, teve uma doença que matou os tomates...”*

Pra gente fazer isso tudo acontecer, a gente precisava de uma equipe praticamente só pra fazer isso. Isso gerou muito estresse. Hoje a gente tem uma comunicação que é a que tem, que pode ter muito a melhorar, mas é a que tem. [...], a gente aprendeu que é isso que tem pra hoje e funciona assim. A gente tem um grupo de finanças que funciona e faz o que dá conta também.

O aspecto comunicação é um fator determinante na construção de processos coletivos. A participação e opinião de cada é importante pois pode trazer um olhar diferente para a solução de um problema, por exemplo e tendo em vista as dimensões de um sítio e sua capacidade e responsabilidade de alimentar muitas pessoas, são muitos os que podem ocorrer. Quando perguntados sobre os desafios e as limitações que esse formato de comercialização apresenta para eles e para o sítio, ambos os agricultores foram diretos em dizer que as relações humanas são o principal empecilho e que o não entendimento da parte filosófica por trás dos princípios da CSA foi o que definiu algumas outras experiências pelo Brasil, nas palavras da agricultora 2:

[...] Eu acho que o maior desafio são os desafios humanos. É, eu acho que o CSA ele tem uma filosofia linda, ele tem, os princípios que são lindos, mas ele tem nós, os humanos por traz disso tudo. E, quando a gente começou a CSA Guajuvira, a gente sempre preocupado: *“Ah, da planilha, não sei o que...”* o Palestrante 1 falou que todos os problemas das CSA's que não deram certo ou em todas as CSA's que tiveram problema, nunca foram os números, que estavam com algum problema. Sempre foram as relações. Quando ele começou o curso de CSA com a Palestrante 2, eles faziam separado: *“AH, parte filosóficas em tais dias, e aí, as pessoas voltavam e aí tinha o segundo módulo, que ele chamava, que era a parte financeira”*. Eu acho que a parte financeira era primeiro. Eu sei, porque aí as pessoas não voltavam pra parte filosófica. Que era explicar o conceito, o que eram as CSA's. Todo mundo queria pegar só a parte de planilha e sair montando CSA. E ele viu que não dava certo. Porque a CSA, é pessoas, é relação, e todos os problemas que a gente teve na CSA Guajuvira, foram problemas de relação mesmo, entre as pessoas. Não foi problema numérico [...].

O Agricultor 1 complementa a fala da companheira, apontando que o não entendimento de algumas pessoas para esse novo formato de se lidar com as pessoas que com o alimento, que fez que algumas pessoas se afastassem e se autoexcluísem desse processo de construção:

[...] Acho que às vezes é entendimento mesmo, né. E também às vezes essa relação filosófica, política né, então, é mais ou menos isso. Não porque eu não vou com a tua cara, ou coisa assim, mas realmente de entendimento dessa nova filosofia. Porque é totalmente diferente, né essa relação de... como é que eu poderia dizer...assim...de ser participante do processo, né [...] e ter responsabilidade com isso, né. A gente nunca teve problema com produto aqui em casa. *“Ah, não vamo ter produto pra entregar.”* Nunca tivemos isso. Então a gente não sabe o que aconteceria, se tivesse algum problema e viesse da gente não ter. A gente não tem essa experiência ainda, né. A gente sabe que outros CSA's teve esse problema e não foi tão legal a experiência, né. Eu acredito que com a nossa CSA não vai ter problema né. Nós já estamos a quase 8 anos juntos, né [...].

Com isso, um aspecto que acompanha essa nova filosofia a que se propõem a CSA é a de estar fortalecendo vínculos para a construção de uma sociedade mais franca em respeito a comunicação. A Agricultora 2 aponta que, não só dentro da CSA, mas na sociedade de maneira geral, esse é um aspecto que poderia ser melhor, acompanhando ao número de pessoas que poderiam atuar no organismo agrícola:

[...] As relações são muito parecido em como que funciona um Sistema Agro Florestal. É... nas relações humanas, o que falta, uma das coisas que mais falta na CSA Guajuvira, é um diálogo franco... um diálogo... sabe...não que falta na CSA, mas que falta na sociedade diálogo franco... o que você está sentindo, o que está acontecendo, estabelecer regras... sem que isso seja... force, mas que a pessoa saiba o que ela pode fazer, né [...]. Eu brinco que aqui a gente tá treinando a sociedade que a gente quer, a gente não é a sociedade que a gente quer. E aí, as pessoas que se aproximam da CSA, tem que entender isso, né. Que a gente não é essa sociedade. A gente tá

treinando pra essa sociedade. Eu acho que... de desafio na CSA... é isso. Eu acho que são os humanos mesmo. Eu acho que... sempre os desafios humanos.

Um dos fatores que mudaram ao passar dos anos e que mudou algumas das dinâmicas na CSA Guajuvira foi a forma de entrega das cestas. Elas ocorriam no sítio para que houvesse uma maior facilidade no momento da colheita, além de trazer um maior número de pessoas para estar presente no organismo agrícola. Porém, pensando em uma logística onde houvesse uma menor locomoção de carros para o sítio e pensando que nem sempre todos poderiam ir até para buscar sua cesta, pensaram na adaptação dos agricultores trazerem as cestas e elas serem entregues em uma praça no centro da cidade, a cerca de 20 quilômetros do organismo agrícola. A figura 12 ilustra como eram feitas as entregas no sítio.

**Figura 12:** Foto de uma entrega de cestas feita no Sítio Guajuvira.



Fonte: CSA Guajuvira (2020)



A partir de outubro de 2023, as entregas saíram dessa praça no centro da cidade e passaram a acontecer em uma loja do Armazém do Campo que acaba de ser inaugurada. O Armazém do Campo se caracteriza como um braço do MST, onde produtos da reforma agrária de cooperativas do movimento, encontram um local para o escoamento de seus produtos. Isso coloca os co-agricultores próximos de uma variedade ainda maior de alimentos orgânicos no momento da entrega das cestas.

#### **4.6 Questionário com co-agricultores(as) da CSA Guajuvira**

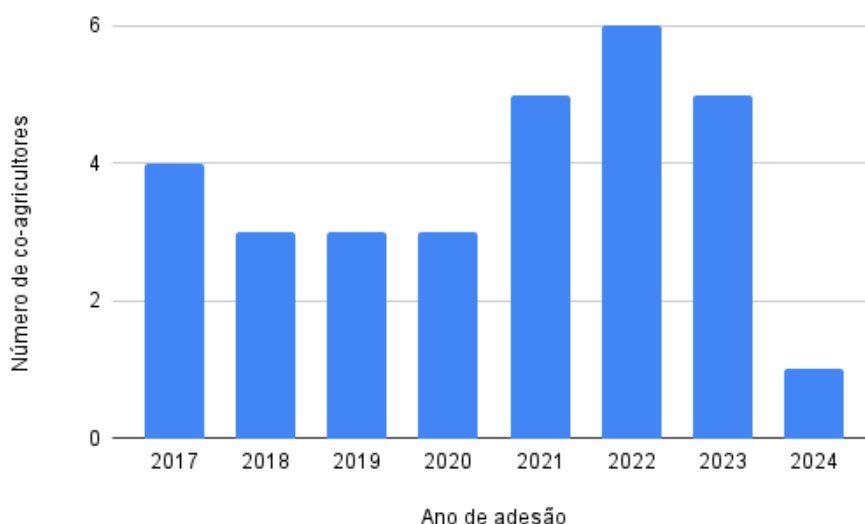
Como apresentado anteriormente, o processo de construção da comunidade perpassa pela contribuição do financiamento dos chamados co-agricultores. Esses, para além de receber uma cesta semanal com produtos agroecológicos, participam assumindo partes dos riscos que a produção possa vir a ter. Participam anualmente de um planejamento de ciclo, compreendendo junto aos agricultores quais serão as necessidades para aquele próximo ano. Formulam e discutem as decisões a serem tomadas mediante opiniões de ambos os lados. Se organizam então, diante de uma horizontalidade pela qual, cada ator social participante, se torna apto a pensar a comunidade que está em construção.

A fim de compreender como os co-agricultores observam sua participação na comunidade, foi realizada a aplicação de um questionário com 11 perguntas. Variavam de opções alternativas e algumas, com resposta justificativa (Apêndice II). O questionário foi aplicado nos dias 6 e 13 de janeiro de 2024, respectivamente, no momento de entrega das cestas da CSA Guajuvira, que acontecem no Armazém do Campo de São José dos Campos, no centro da cidade, entre as 13h30m e 16h, em todos os sábados do mês. Na primeira aplicação, no dia 6 de janeiro de 2024, foram obtidas 22 respostas e no dia 13 de janeiro de 2024, mais 8 co-agricultores participaram da pesquisa. Com isso, foram obtidas 30 participações dos então, 39 co-agricultores que fazem parte da CSA Guajuvira, até o momento que foi aplicado o questionário.

Foi apontado por um dos agricultores da CSA Guajuvira, que essa havia sido a pesquisa com maior participação de todas as produzidas, tanto por outros pesquisadores, quanto em formulários feitos pelos próprios agricultores e co-agricultores da CSA.

A primeira pergunta, buscou traçar uma visualização histórica das pessoas que constroem a comunidade, perguntando a cada co-agricultor, qual seu primeiro ano na participação da comunidade. O gráfico 1 ilustra as respostas obtidas:

**Gráfico 1:** Ano de adesão dos co-agricultores da CSA Guajuvira.



**Fonte:** Dados da Pesquisa

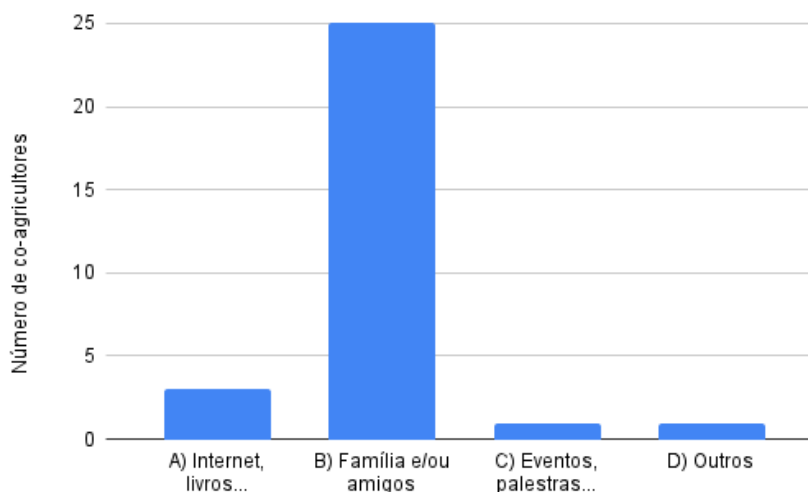
Conforme o gráfico 1 apresenta, podemos observar uma maior adesão de co-agricultores a partir do confinamento gerado pela pandemia de covid-2019, no ano de 2020, sendo 20 pessoas até o ano atual. Os dados referentes ao ano de 2024, são somente até a data de coleta dos dados da pesquisa. Os outros 10 co-agricultores que responderam a pesquisa, fazem parte da comunidade a 5 anos ou mais.

Um dos pontos a serem abordados pela pesquisa, era saber se algum dos co-agricultores da CSA Guajuvira, participavam da construção de alguma outra comunidade, financiando outros agricultores. A segunda pergunta então, os

questionava sobre isso e o resultado, foi que de forma unânime, todos participavam apenas da CSA Guajuvira.

Afim de tornar a produção viável bem como, assegurar que as pessoas que formam o organismo agrícola permaneçam no campo, a construção do financiamento perpassa, pela forma qual os co-agricultores, financiadores dessa produção, acabam chegando na comunidade. A pergunta de número 3, buscava descobrir como os co-agricultores conheceram a CSA Guajuvira e como se deu o início de sua participação na comunidade. Foram quatro alternativas, das quais: A) Internet, livros, pesquisas, artigos, mídias em geral; B) Familiares e/ou amigos; C) Empresa, eventos ou palestras; D) Outros. O gráfico 2, ilustra a disposição da forma pela qual os co-agricultores foram aderindo à CSA:

**Gráfico 2:** Forma de adesão dos co-agricultores a CSA Guajuvira.



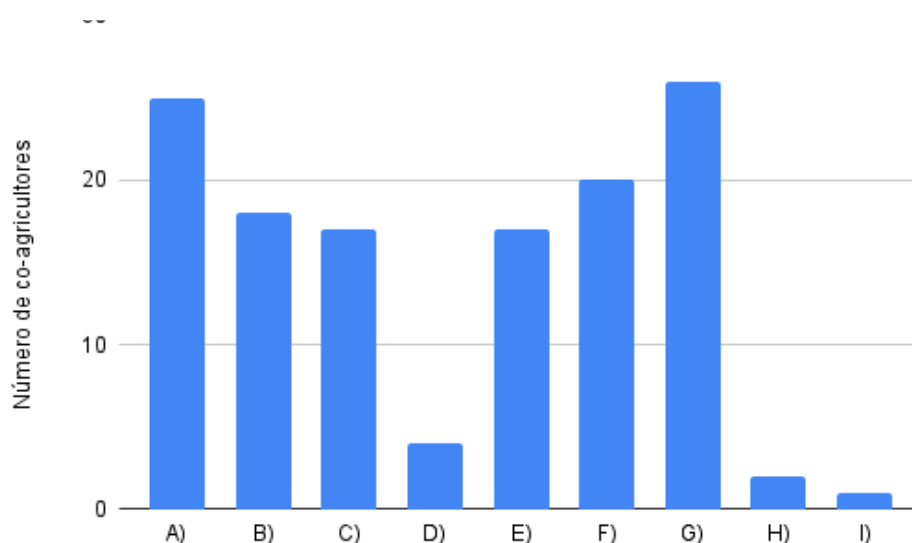
**Fonte:** Dados da pesquisa

É possível observar que a grande maioria dos co-agricultores foram aderidos por meio da indicação de algum familiar ou amigo, totalizando 25 respostas a essa alternativa. Isso indica, que o círculo social, as conversas cotidianas e a descrição da experiência são os fatores que mais foram

agregando co-agricultores ao longo dos anos na CSA Guajuvira. Demonstra também, o fortalecimento social que a CSA proporciona, ao ponto que os co-agricultores também são tão interessados quanto os agricultores pela adesão de novos participantes a comunidade. Outras 3 pessoas iniciaram por meio de internet, livros ou mídias em geral, 1 em eventos ou palestras e uma resposta para outros, onde o entrevistado disse ser a Feira do Vicentina Aranha, um parque no centro da cidade onde ocorre uma feira de produtos orgânicos aos domingos.

Na quarta questão, os co-agricultores foram perguntados por quais motivos participavam da CSA. Essa pergunta buscou um panorama a respeito de quais aptidões pessoais cada indivíduo apresenta para si que dentro da comunidade, podem ser potencializados. Podiam responder a uma ou mais alternativas e também, adicionar alguma outra motivação para aderir a comunidade. As respostas foram dispostas em: A) *Consumo de produtos sem aditivos químicos*; B) *Intercâmbio de experiências*; C) *Contato com a natureza e manejo das hortas*; D) *Fazer parte de decisões em comunidade*; E) *Acesso sem intermediários a produtos orgânicos*; F) *Qualidade nutricional familiar*; G) *Identificação com os princípios da CSA*; H) *Proximidade geográfica com o sítio*; e I) *Outro*. O gráfico 3 apresenta como se organizaram as respostas dos co-agricultores:

**Gráfico 3:** Motivos para participação da CSA Guajuvira.

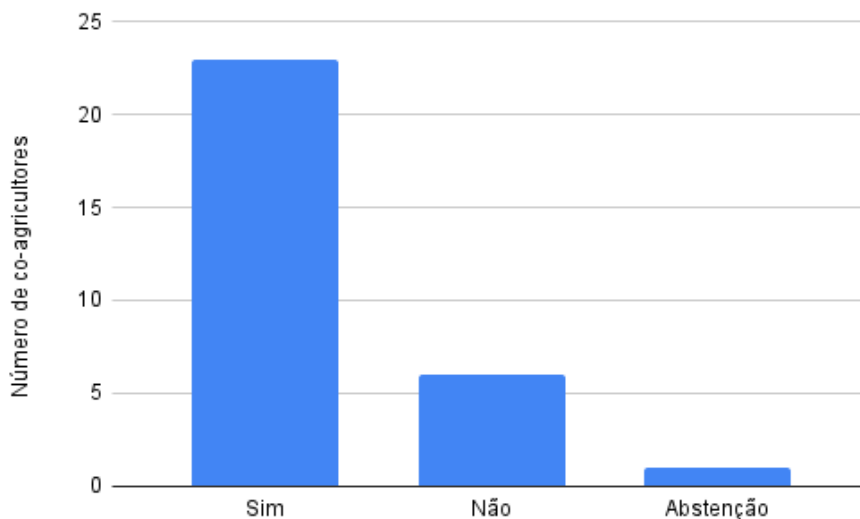


**Fonte:** Dados da pesquisa

Observando o gráfico acima com a organização das respostas dos co-agricultores, é possível observar que a identificação com os princípios da CSA, consumo de alimentos sem aditivos químicos e qualidade nutricional, são as alternativas mais escolhidas com 26, 25 e 20 respostas respectivamente. Intercâmbio de experiências ficou em quarto lugar com 18 respostas. Acesso sem intermediários a produtos orgânicos e contato com a natureza e manejo das hortas, é motivo para 17 respostas em ambas as alternativas. Fazer parte de decisões em comunidade somou 4 respostas. Interessante apontar, que para os agricultores a proximidade geográfica com a cidade, é um dos fatores mais importantes para a logística de escoamento de produtos, mas em contraponto a isso, apenas duas pessoas responderam que a proximidade seja um motivo a participar da CSA. Em outro, obteve-se uma resposta e a justificativa do co-agricultor foi amizade entre as pessoas da comunidade.

A aquisição de alimentos orgânicos, deduz que conseqüentemente, as pessoas vão cozinhar-los e oferecê-los para amigos e/ou familiares eventualmente. No processo de organização da comunidade, esse seria o passo final da dinâmica de produção, do campo ao prato, uma ação sem intermediários ligando o produto orgânico a mesa das pessoas. A quinta questão, perguntou aos co-agricultores a respeito da rotina de cozinhar em casa. Nela, foi perguntado se com a participação na CSA e o acesso a alimentos orgânicos semanalmente, fez com que passassem a cozinhar mais. O gráfico 4, mostra a disposição dessas respostas:

**Gráfico 4:** Disposição de respostas sobre o fato da família se alimentar mais em casa após participação na CSA.

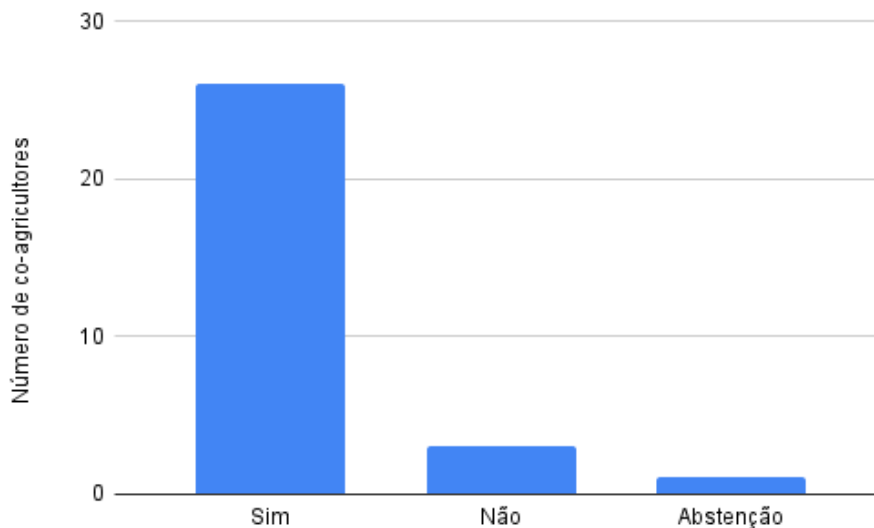


**Fonte:** Dados da pesquisa

Como podemos observar na tabela acima, 23 pessoas responderam que a participação na CSA, fez com que a família de maneira geral, passasse a se alimentar mais em casa, demonstrando que a utilização dos alimentos das cestas semanais reúne mais a família em torno da mesa. 6 pessoas responderam que a participação na CSA não interferiu de maneira direta na forma que a família se alimenta em casa e um co-agricultor se absteve de responder.

A sexta pergunta, buscou uma perspectiva um pouco mais ampla, no que diz respeito a estrutura filosófica e social da organização da comunidade. Foi perguntado aos co-agricultores nessa questão, se o desenvolvimento sustentável tanto do campo quanto da cidade, passou a se tornar tema das rodas de conversas após entrar na CSA. No gráfico 5, foi ilustrado a forma pela qual os co-agricultores responderam a essa pergunta:

**Gráfico 5:** O desenvolvimento sustentável nas rodas de conversa após entrar na CSA.

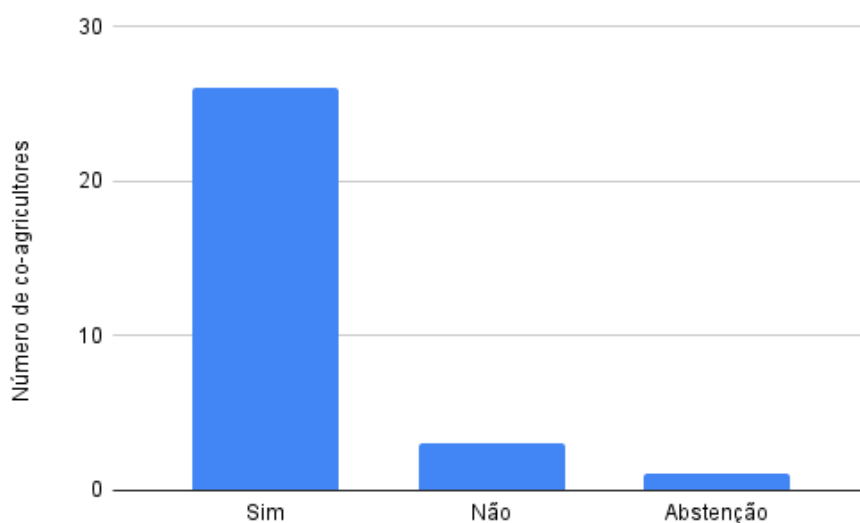


**Fonte:** Dados da pesquisa

Diante disso, 26 pessoas responderam que sim, participar da CSA Guajuvira fez com que conversassem mais a respeito do desenvolvimento sustentável. O não, teve 3 respostas enquanto apenas uma pessoa preferiu se abster.

Semanalmente aos sábados, são entregues as cestas de alimentos para os co-agricultores. Esses, são alimentos sazonais e que no planejamento de ciclo, são discutidos entre todos os produtos que vão ser entregues em cada estação do ano. Podem variar de 7 a 10 alimentos da época, diversificados em legumes, frutas, hortaliças, tubérculos ou algum alimento processado, como é o caso do melado de cana que eventualmente aparece nas cestas. Diante disso, a sétima pergunta do questionário buscou saber se a variedade desses alimentos é satisfatória e o gráfico 6, mostra como foi respondida essa pergunta:

**Gráfico 6:** Satisfação dos co-agricultores com a variedade de alimentos da cesta.



**Fonte:** Dados da pesquisa

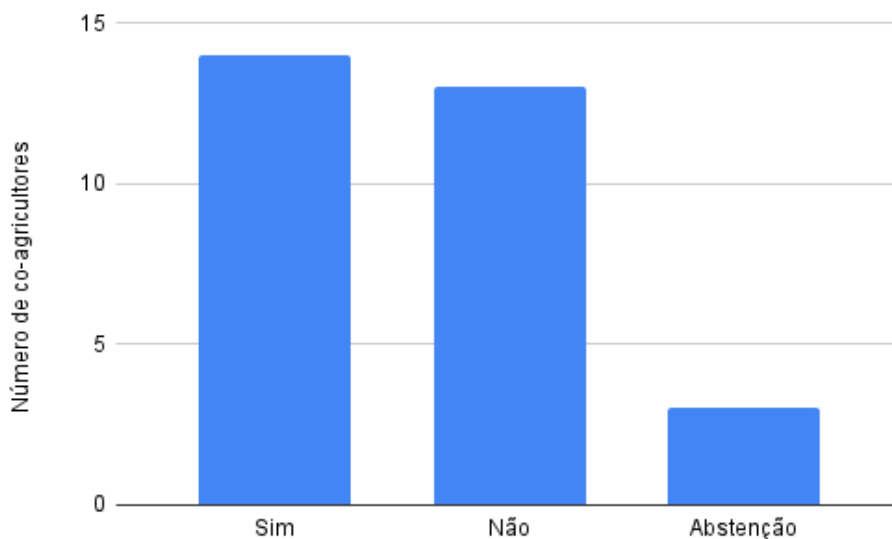
Na contagem das respostas, pudemos observar que 26 pessoas acham satisfatória a variedade de alimentos que vem nas cestas semanais na CSA Guajuvira. 3 disseram que não acham satisfatória a variedade e apenas um co-agricultor(a) se absteve de responder.

A oitava pergunta da pesquisa tinha como objetivo compreender a perspectiva financeira do financiamento da CSA. Atualmente, os co-agricultores pagam um valor de R\$250,00 para receber as cestas semanalmente. Com isso, foi perguntado se o valor pago correspondia a qualidade da cesta. De forma unanime, os co-agricultores responderam que o valor pago mensalmente é subvertido em uma cesta de alimentos agroecológicos de qualidade.

A nona pergunta, buscou compreender se o fator rede social e a forma pela qual a CSA Guajuvira se comunica, dissemina informações para familiares e amigos. O gráfico 7, mostra como foram alocadas as respostas:



**Gráfico 7:** Satisfação dos co-agricultores a respeito da disseminação de informações da CSA Guajuvira pelas redes sociais.



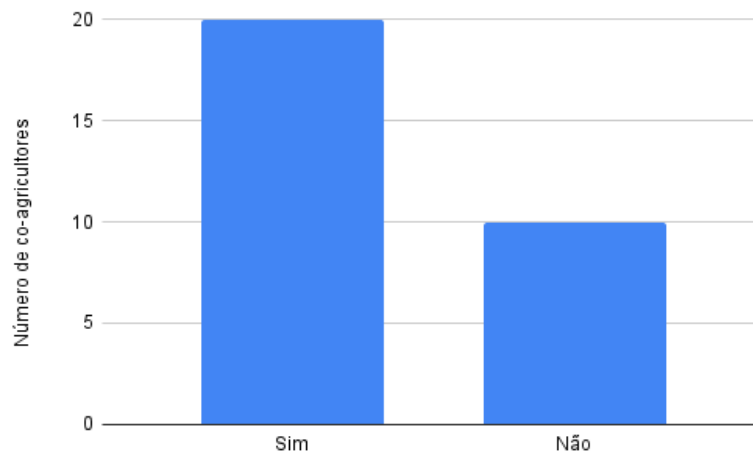
**Fonte:** Dados da pesquisa

Nessa questão, foi apresentada uma clara dicotomia entre os co-agricultores. 14 pessoas responderam que a forma como a CSA Guajuvira se comunica nas redes sociais é satisfatória e 13 pessoas dizem que podem melhorar nesse quesito e apenas 3 pessoas se abstiveram de responder. Nessa mesma pergunta, existia a possibilidade de as pessoas justificarem a sua resposta e/ou sugerirem alguma coisa que pudesse melhorar nesse aspecto.

Foram contabilizadas 10 sugestões nessa questão. De maneira geral, todas elas se agrupam no sentido de acreditarem que mais informações a respeito do que é CSA fossem postados nas plataformas digitais, afim de conectarem a mais pessoas sobre como se organizam e que essa, poderia ser uma alternativa que trouxesse mais co-agricultores para financiar a produção. Uma das sugestões destoantes desse tema de comunicação externa da comunidade, surgiu do(a) participante 11. Falou a respeito da articulação entre os próprios co-agricultores, para se comunicarem melhor para dar caronas para o momento que forem ao sítio, que isso, aumentaria o número de pessoas nos manejos e colheitas.

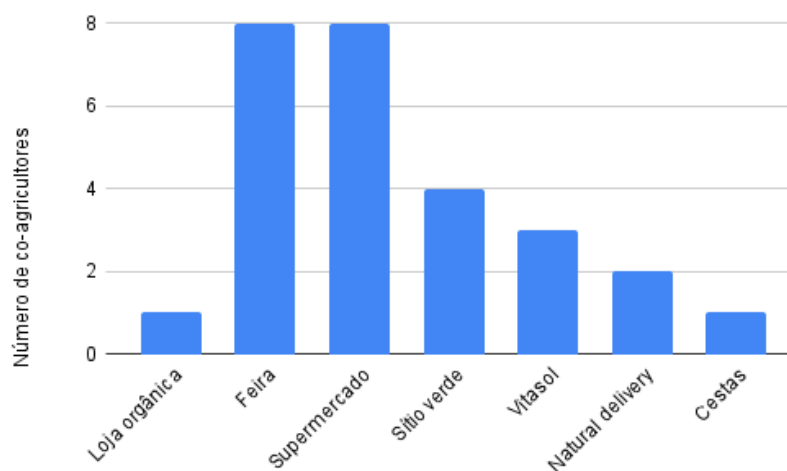
Na décima pergunta do questionário, a intenção foi saber se os co-agricultores faziam compra de alimentos orgânicos antes de participar da CSA Guajuvira e se sim, onde eram feitas as compras desses alimentos. Os gráficos 8 e 9, respondem respectivamente a essa pergunta:

**Gráfico 8:** Número de co-agricultores que faziam a compra de produtos orgânicos antes de participar da CSA Guajuvira.



**Fonte:** Dados da pesquisa

**Gráfico 9:** Estabelecimentos comerciais onde os co-agricultores compravam produtos orgânicos. Nessa questão, o co-agricultor poderia escrever mais de um estabelecimento.

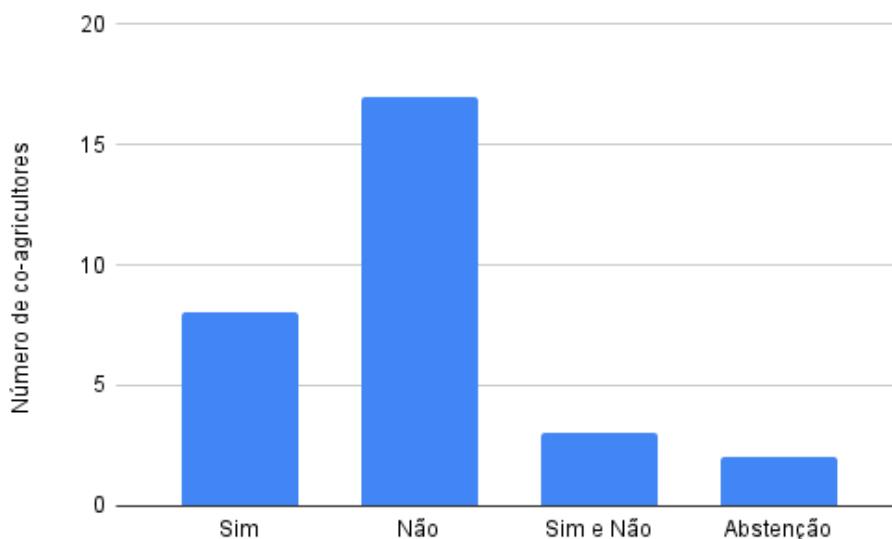


**Fonte:** Dados da pesquisa

Podemos observar que 20 co-agricultores faziam compras de alimentos orgânicos antes de participar da CSA Guajuvira e 10, apenas no momento que começaram a fazer parte da comunidade. Para aqueles que responderam sim à pergunta, observamos que a maioria dos estabelecimentos são feiras, supermercados e lojas especializadas, tendo apenas uma resposta, para cestas orgânicas.

Já ao final do questionário em sua última pergunta, os co-agricultores foram questionados a respeito da importância que eles davam para o SELO de orgânicos nos produtos. Essa questão gerou um grande nível de participação e discussão dentro do questionário, tanto no momento de assinalar uma alternativa, quanto no momento de sua justificativa. Algumas pessoas até mesmo responderam “Sim e Não”, como mostra o gráfico 10 a seguir:

**Gráfico 10:** Qual importância que os co-agricultores dão ao SELO de produto orgânico.



**Fonte:** Dados da pesquisa

Ao total, 17 co-agricultores disseram que não consideram importante o SELO de produto orgânico, 8 disseram que sim, acreditam ser importante a certificação desses produtos, 3 disseram que sim e não e duas se abstiveram de responder e justificar essa questão. Ao todo, foram 25 justificativas em relação a preocupação dos produtos levarem o SELO de orgânico ou não. O participante número 7, acrescentou:

No caso da CSA, não considero importante, pois já conhecemos os agricultores, o sítio e as práticas empregadas, sabemos que os produtos são orgânicos.

Já o participante 13, que também respondeu de forma negativa a necessidade de SELO para produtos orgânicos, salientou que essa deve ser uma preocupação na compra de produtos externos a comunidade:

Pensando na certificação para os co-agricultores, não vejo necessidade, pois sabemos como é feita a produção. Vejo a certificação como algo importante para uma rede de consumidores externa.

O participante 14, que respondeu de maneira negativa a essa questão, observa que muitas vezes um agricultor não tem como lidar com todas as burocracias que são necessárias para a obtenção da certificação.

Contudo, uma organicidade das justificativas se dá ao fato de alguns co-agricultores concordarem entre si a respeito da CSA. Atrelado ao fato de auxiliarem no desenvolvimento do organismo agrícola, de conhecerem tanto os agricultores quanto o local e as práticas que são empregadas no campo, afirmam que esse tipo de certificação não se torna tão importante, ao passo que confiam nos processos empregados para produção de seus alimentos. A(o) participante 21, aponta que:

Acho que quando compramos de locais que não conhecemos a origem é legal saber que o produto é orgânico, de agricultura familiar, etc., pois passou a ser algo que olho e escolho com mais afinidade e carinho, que vejo que faz sentido com o que busco e acredito.

Dessa forma, mesmo no que diz respeito as pessoas estarem direcionadas a um “Sim” ou “Não”, no momento que justificam essa resposta, há uma unicidade natural em relação ao que acreditam e em como veem a CSA. De forma transparente, onde podem confiar nos processos e na qualidade nutricional que oferecem para a família.

## 4.7 Perspectivas

### 4.7.1 Parceria com o Instituto AUÁ de Empreendimento Socioambiental

Uma das parcerias que a CSA Guajuvira conseguiu desenvolver ao longo dos anos, foi com o Instituto AUÁ. O Instituto se auto define como um empreendimento socioambiental que busca parcerias público-privadas para a construção de seus projetos, que vão desde educação ambiental a reflorestamento. Um desses projetos de reflorestamento chegou até o Sítio Guajuvira e o Agricultor 1 conta em entrevista ao próprio Instituto (AUÁ, 2021) como seu deu essa parceria:

[...] A gente tava com a ideia de que no final de 2021 a gente ia implantar o SAF em todo lote, mas só que também precisava de um aporte de recursos né, de um apoio pra poder fazer essa implantação em uma área maior. Aí foi em outubro (*de 2021*) que eu comecei a preparar a terra né, com essa intencionalidade, nem que fosse só pra plantar adubadeiras né. Um belo dia, apareceu uma pessoa, do Instituto AUÁ, trazendo pra nós essa possibilidade da gente acessar esse recurso para implantação de SAF aqui no sítio. De uma hora para a outra, né, os astros nos ajudaram. [...] Nós plantamos 5 mil mudas [...] (AUÁ, 2021).

Essa parceria trouxe como possibilidade se pensar a longo prazo os alimentos que poderão fazer parte das cestas de CSA dentro de alguns anos. O Instituto AUÁ ficou responsável pelas mudas e adubação e o sítio, com frete e manutenção dos canteiros, que sua maioria, foram plantados e também manejados em mutirões com os co-agricultores. Em entrevista ao Instituto AUÁ (AUÁ, 2021), a Agricultora 2 conta como se aprimorou seu conhecimento a respeito de SAF e também, como foram montadas as linhas:

[...] O AUÁ foi uma parceria, né. Eles não vieram com a receita pronta. Não, foi cada agricultor individual eles orientaram e cada um fez aquele SAF com a ajuda deles que tinha mais a ver (AUÁ, 2021) [...] Quando eu vim pra cá eu já tinha ouvido falar de sistema agroflorestal na faculdade, mas foi aqui no Vale (*do Paraíba, interior do estado de São Paulo*) que eu aprofundi esse conhecimento de SAF

's. E aí trazendo esse lado de estratificação da natureza e da sucessão natural, a gente fez linhas de adubação, que é o Feijão de Porco, o Feijão Guandu, e Crotalária, o Nabo Forrageiro. Tem a Banana a cada metros e entre as bananas nós temos o eucalipto.

E aí nas linhas de frutíferas a gente plantou como estrato alto lichia e como estrato baixo jabuticaba-sabará. A Laranja tá a cada metros e entre as laranjas a gente colocou o Orum-Guanandi , ora a gente colocou um angico e aí a gente veio com as espécies nativas entre elas. O Cambuci, a Uvaia, que são frutas da mata atlântica que tiveram maior aceitação. Elas vêm para aumentar nosso leque de frutas, de folhosas que serão utilizadas na nossa alimentação e aumenta a nossa conscientização de preservação dessas espécies [...] (AUÁ,2021).

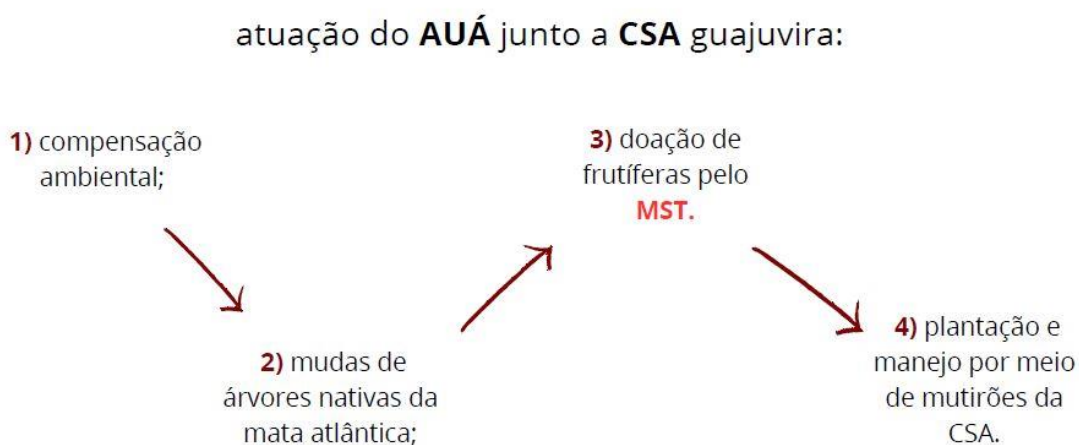
A área onde foi implantado o SAF junto a essa parceria, fica ao final do lote, em um limite do sítio com uma reserva ambiental como pode ser observado na figura 13. Já a figura 14, ilustra a atuação do Instituto AUÁ com o sítio Guajuvira. Nela podemos observar como foram convergindo as parcerias junto as maneiras de se viabilizar a construção dos SAF's dentro do sítio:

**Figura 13:** Implantação de SAF em parceria com o Instituto AUÁ.



**Fonte:** AUÁ, (2021)

**Figura 14:** Atuação do Instituto AUÁ junto a CSA Guajuvira.



**Fonte:** Dados da pesquisa

#### **4.7.2 Visibilidade e Comunicação: A gravação de um documentário para *streaming* no Sítio Guajuvira**

No ano de 2022, uma equipe de filmagem da Netflix contatou o Movimento dos Trabalhadores sem Terra afim de encontrar um agricultor ou agricultora que fosse vegetariano ou vegano, para participar em um episódio de uma nova série que aborda o tema do veganismo que estava em desenvolvimento. Diante disso, as pessoas do MST que receberam esse contato, logo indicaram o Agricultor 1 que se tornou vegetariano a cerca de 8 anos atrás. A ideia inicial da equipe, era apresentar apenas um diálogo de um agricultor que não se alimentava de nenhum tipo de carne e contar um pouco sobre seu processo de participação nessa luta contra a crueldade animal (ZERLOTE *et al*, 2023).

Uma das ressalvas apresentadas pelo Agricultor 1, seria a de que, não teria como ser apresentado e apresentar o sítio em qual vive, sem que fosse abordado a construção da CSA Guajuvira como elemento de fortalecimento deles enquanto agricultores. De que a CSA é fundamental para a coexistência e funciona de forma interdependente ao organismo agrícola. Com isso, após algumas prévias conversas ficou acordado que seria apresentado dentro da gravação de episódio da série documental, como funcionava a CSA, junto a



momentos de colheita, mutirão e também de compartilhamento de comida (ZERLOTE *et al*, 2023).

Nesse aspecto, o casal de agricultores convidou o autor para que produzisse uma alimentação 100% vegana, que seria oferecida aos agricultores, familiares, amigos, co-agricultores e equipe de filmagem, os quais, eram todos veganos e a figura 15 ilustra parte desse momento.

**Figura 15:** Alimentação produzida para gravação do documentário.



**Fonte:** Dados da pesquisa

Por coincidência (ou não), esse documentário foi gravado na véspera das eleições presidenciais de 2022, no dia 29 de outubro. Para além de compreender o momento único da visita de uma plataforma de *streaming* tão conhecida mundialmente, todos estavam lidando com as emoções de estarem a pouco de uma das mais esperadas e acirradas eleições de todos os tempos. Fato que ficou nítido para ambos agricultores entrevistados e também, para todos que foram convidados. Independente disso, as gravações ocorreram muito bem e nas figuras 16 e 17 é possível observar um clima de descontração que foi criado entre a equipe de filmagem e os agricultores entrevistados (ZERLOTE *et al*, 2023).

**Figura 16:** Gravação de parte da entrevista com os agricultores.



**Fonte:** Dados da pesquisa

**Figura 17:** Bastidores da gravação do documentário.



**Fonte:** Dados da pesquisa

Se tratando da construção de uma nova maneira de se lidar com o alimento, o meio-ambiente e também nas relações humanas, a CSA já se mostrou como um passo sólido a se pensar novas dinâmicas socioambientais. Consolidar essa construção demanda tempo e energia de todos os envolvidos. A possibilidade de se apresentar esse formato de comercialização em uma plataforma como a Netflix, traz junto a possibilidade de se aumentar ainda mais sua visibilidade, criando uma união entre comunicação e cultura disposta a firmar ainda mais os pés dos agricultores na terra e na produção agroecológica dos alimentos. O documentário ainda não tem data exata prevista de estreia, mas talvez seja possível que seu lançamento venha no ano de 2024 (ZERLOTE *et al*, 2023).

#### **4.7.2 Desdobramentos para a CSA Guajuvira**

Trabalhar na terra com uma perspectiva agroecológica, é na opinião do Agricultor 1 “construir e resgatar ao mesmo tempo”. É estar com os pés no presente ao mesmo tempo que compreende as lutas que antecederam junto as construções que vão suceder com base nas decisões tomadas hoje. Dentro da construção de todo esse contramovimento que é a CSA e em especial, a CSA Guajuvira, muitos foram as ideias que deram certo e algumas tantas outras que deram errado e, quando perguntado a respeito de quais eram suas perspectivas, o Agricultor 1 citou que a estabilidade como um elemento essencial para se manter os níveis de investimentos que fizeram até agora:

[...] Acho que a única coisa é estabilidade, né, no número de co-agricultores, né. Acho que teria de ter uma ampliação, chegar a uns 60, 70 co-agricultores, né. Ai isso daria uma tranquilidade na renda aí né. Que ai, a gente tá numa fase de investimentos, né, de muitos investimentos. Então isso dificulta da gente ter... ter essa renda, né... tipo: *“O salário meu e da Agricultora 2 vai ser separado, né”*. Ainda não estamos conseguindo fazer isso, né. Mas com certeza, quando a gente terminar de pagar o trator, né, isso já vai ser né [...]. *“Ah, vamos fazer uma campanha pra conseguir novos co-agricultores”*. Nunca, assim... efetivamente foi feito algo, né. E as pessoas, na minha avaliação, acabam vindo pra nossa CSA em específico, eu acredito que é por causa das relações. Porque são relações tranquilas, né [...].

Dentro de uma visão mais macro, que leva em conta o local onde o Assentamento Nova Esperança I está, e o que ele pode representar para a produção de alimentos dentro do município, a Agricultora 2 abordou também, os sonhos que são construídos coletivamente junto aos co-agricultores:

E é difícil falar de perspectiva porque sempre que a gente tá próximo da perspectiva, a perspectiva que tava a 5 metros, a perspectiva vai pra mais 10. Porque é uma galera sonhadora, né. Na carta de a gente fez... a gente não... os co-agricultores fizeram uma carta, que era um sonho coletivo. E uma das coisas que estavam no sonho coletivo, era produzir alimentos em Sistema Agroflorestal, que as crianças estivessem envolvidas... não sei se foi escrito [...] então a perspectiva ela é uma coisa difícil assim né. Porque sempre o próximo passo depois de reflorestar, depois de agro florestar esse sítio, é... alguns co-agricultores já piram em reflorestar a reserva aqui no fundo. Aí eu fico assim: *“Tá! Daqui cinco anos a gente pensa na reserva. Vamos, é, manejar esses 4,5 hectares, vamos garantir que as frutíferas produzam nesses 4,5 hectares. Depois a gente pensa na reserva, pensa em outras coisas”*. Então é isso né, as perspectivas ela sempre vai mais pra frente.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Natural, que para a maioria das pessoas que nascem e vivem no meio urbano, associar a necessidade e a busca pelo alimento com também uma viagem ao supermercado. Com facilidade nos perdemos nos vastos corredores assim como nas imensidões de marcas que, cada uma com sua qualidade, são estipuladas cada uma com seus valores. Encher o carrinho (ou não) com todas as suas necessidades (ou não), demonstra não só a facilidade que esse intermediário tem de nos ofertar muito mais do que precisamos, como também de mascarar a origem dos produtos que consumimos e que dirá, a forma pela qual os mesmos são produzidos e reproduzidos.

Em cada produto de origem industrial pode-se observar na categoria de ingredientes, aos montes produtos que nem sequer parecem ser alimentícios e

mesmo assim, o consumimos. Até mesmo naqueles alimentos que deveriam ser mais saudáveis, como as frutas, legumes e verduras, fica extremamente difícil dizer se foram utilizados aditivos químicos e qual a explicação de ter um desses mantimentos fora da sua sazonalidade natural. Quando aliado a essa forma de aquisição a outras formas de consumismo, conseguimos apontar com facilidade como percebemos a natureza como algo fora de nós, da qual não fazemos parte ou estamos acima como em alguma hierarquia.

O conceito de socio-nature destaca que todas as relações sociais são intrinsecamente ecológicas e que todas as relações ecológicas são intrinsecamente sociais, criando uma ruptura com o pensamento teórico e se tornando uma perspectiva política apta a se pensar os processos de natural, social e econômico dando um ponto de partida para melhorar a vida humana e não humana. A fim de criar um sistema alternativo a forma de produção alimentícia atual, a coprodução é entendida como uma ferramenta que une os interesses de uma alimentação mais saudável no meio urbano e do desenvolvimento rural que preza pela sustentabilidade da biodiversidade do organismo agrícola e/ou da comunidade de um modo geral (CASTREE, 2001; ALKON, 2013).

Dessa forma, o presente trabalho apresentou a maneira pela qual a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), auxilia a proporcionar uma forma de união entre interesses urbanos e rurais, criando o desenvolvimento rural por meio dos circuitos curtos de comercialização. Esse vínculo direto entre produtor-consumidor, apresenta como principal benefício, a criação de uma rota alternativa ao caminho tradicional de consumo de alimentos. Auxilia na construção individual de cada um, levando para a cidade a necessidade de se pensar o caminho do alimento até o prato. Engajando os atores envolvidos, os co-agricultores, financiadores dessa produção, a uma perspectiva mais sólida e madura, dos desafios a serem enfrentados de ambos os lados.

A CSA é uma via a se pensar o entrelaçamento da Agroecologia e do Desenvolvimento Rural, como uma construção coletiva de um contramovimento que auxilia no desenvolvimento de pessoas do campo e em especial os agricultores familiares. Puxa para si, a responsabilidade de se organizar

econômica, social e ambientalmente o caminho de uma produção de alimentos sustentáveis e justos para quem produz, até o prato. A possibilidade de um financiamento para a produção aliada a certeza de escoamento desses alimentos sem intermediários, cria uma dinâmica de autonomia para os agricultores com foco na cooperação entre o meio rural e urbano.

A construção de um mundo mais justo e equilibrado em suas relações econômicas, sociais e ambientais, perpassa pelo qual os atores sociais envolvidos em suas comunidades estão dispostos a construir maneiras mais sinceras de atuar no mundo. Sinceridade consigo e com o próximo. O desenvolvimento dessa pesquisa teve como principal alicerce a curiosidade. De compreender que, uma mesma coisa pode ser feita de várias maneiras diferentes e não necessariamente, a mais difundida e aceita é a melhor. Trilhar um caminho na Agroecologia é ser contraditório. É se ver muitas vezes no mesmo caminho para a mudança e autonomia que também pode se entrelaçar no fortalecimento de algum tipo de hegemonia.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. ***Narrativas na história oral (Proposta de simpósio temático apresentada à Associação Nacional de História - ANPUH - com vistas a participação no XXII Simpósio Nacional de História)***. João Pessoa, Boletim Eletrônico da ABHO, especial n° 1, nov, 2002.

ALKON, Alison Hope. ***The socio-nature of local organic food***. Antipode, vol. 45, n. 3, p. 663-680, 2013.

ALTIERI, M.A. ***Agroecología: bases científicas de la agricultura alternativa***. Valparaíso: CETAL, 1985.

AMORIM, Joana Ortega de Lima; MARJOTA-MAISTRO, Marta Cristina. ***Aspectos econômicos das comunidades que sustentam a agricultura no Brasil e na Alemanha: Proposição de indicadores qualitativos e análise comparativa entre os países***. 57° Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Ilhéus-BA, 21 jul/ 25 jul, 2019.

AMORIM, Joana Ortega de Lima; MARJOTA-MAISTRO, Marta Cristina. ***Caracterização social, econômica e ambiental do movimento comunidade que sustenta a agricultura (CSA) na europa: A fundação de modelos autônomos, solidários e sustentáveis***. 56° Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Campina-SP, 29 jul/01 ago, 2018.

AUÁ, Instituto. ***Semeando Economia Verde na Mata Atlântica: De Pantufa na Agrofloresta***. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mdKgHUtHs1o>>, acesso em: 22/10/2022.

BRANCO, MC; LIZ, RS; ALCÂNTARA, FA; MARTINS, HAG; HANSON, JC. ***Agricultura apoiada pela comunidade: Poderia a experiência dos agricultores americanos ser útil para os agricultores urbanos brasileiros?*** Horticultura Brasileira, vol. 29, n. 1, p. 43-49, jan/mar 2011.

BENINI, Maria Luiza de Andrade. ***Entre lugares e espaços: uma caminhada no grupo de CSA (Community Supported Agriculture) de Barão Geraldo***. Cadernos de Agroecologia, v. 11, n. 2, 2017.

CASTREE, N. ***Socializing nature: Theory, practice and politics***. Social Nature, p. 1-21, Oxford, Blackwell, 2001.

CSA BRASIL. ***CSA Brasil***. Disponível em <<https://csabrasil.org/csa/sobre/>>, acesso em: 22/10/2022.

CONTRIGIANI, A, C. ***Circuitos curtos de comercialização por meio de cestas agroecológicas: Sustentabilidade socioeconômica na agricultura familiar***. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos, Campus Araras, 2021.

COSME, Claudemir Martins. ***A burguesia latifundista não abre mão do monopólio da terra no Brasil: A perpetuação da concentração fundiária revelada pelo censo agropecuário de 2017.*** Revista Pegada, vol. 21, n. 1, jan/abr 2020.

CSA, B. ***CSA BRASIL.*** Disponível em <csabrasil.com.br>, acesso em 20 de outubro de 2022.

DUTRA, Rodrigo Marciel Soares; SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. ***Cerrado, revolução verde e evolução do consumo de agrotóxicos.*** Sociedade & Natureza, Uberlândia, vol.29, n. 3, p. 473-488, set/dez 2017.

FLEXOR, G. ***A globalização do sistema agroalimentar e seus desafios para o Brasil.*** Economia-Ensaio, Uberlândia, 20(2) e 21(1): 63-95, jul./dez 2006.

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos de pesquisa social.*** 6 ed., p. 121-146, São Paulo, Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Alberto Passos. ***A crise agrária.*** Paz e Terra, 1982.

GUIVANT, S, J. ***O controle de mercado através da eco-eficiência e do eco-consumo: uma análise a partir dos supermercados.*** Política e Sociedade, Volume 8 – Nº 15 – outubro de 2009.

GUZMÁN, E. S. ***A perspectiva sociológica em agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas.*** Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

IBGE. ***Estimativas da população residente no Brasil e unidades da Federação com data referência em 1º de Julho de 2021.*** Consultado em 6 de Setembro de 2023.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woeller. ***Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e método.*** Anielson Barbosa da Silva, Chrtiane Kleinnübing Godoi e Rodrigo Bandeira de Mello (Organizadores). 2ed, p.181-202, São Paulo, Saraiva, 2010.

KONDOH, Kazumi. ***The alternative food movement in Japan: Challenges, limits, and resilience of the teikei system.*** Agriculture and Human Values, vol. 32, n. 1, p. 143-153, 2015.

LAMB, G. ***Spiritual activity for the common good. Associative Economics.*** Ghent, Association of Waldorf Schools of North America Publications Office, p. 164, 2010.

LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: ***O planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba.*** Anais do XVII Encontro



Regional de História - O Lutar da História, Campinas, p. 1-8, 6 a 10 de setembro de 2004.

MARÉCHAL, G. **Les circuits courts alimentaires: bien manger des territoires**. Dijon: Educagri, 2008, p.213.

MATOS, A. K. V. **Revolução Verde, Biotecnologias e Tecnologias Alternativas**. Cadernos da FUCAMP, v.10, n.12, p. 1-17, 2010.

MELO, A, M. **Comunidade que sustenta a agricultura (CSA): o que sustenta a comunidade?** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2020.

MELLO VIEIRA, L. **Do quilombo ao mercado: um estudo da pluriatividade na sustentabilidade da comunidade quilombola de Ivaporanduva, SP**. 2020. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, Campus Araras, Araras.

NETO, V.J; NETO, RBG. **Políticas governamentais, práticas de colonização e controle de território da ditadura militar (1964-85)**. Anuário IEHS: Instituto de Estudos Histórico-Sociais, v. 34, n. 1, p .99-122, 2019.

PAIVA, C, M, N. **Do preço ao apreço: Um estudo sobre a construção de mercado de CSA (Comunidade que sustenta a agricultura) no Brasil**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 20219.

PMSJC. **Plano de desenvolvimento rural sustentável**. São José dos Campos, 2013.

PEABIRU TCA. **Caderno síntese do curso de formação em ATHIS rural [livro eletrônico] : diagnósticos, núcleos de base e agendas coletivas / Peabiru Trabalhos Comunitários e Ambientais**. -- 1. ed. -- São Paulo : Peabiru TCA, 2021.

PINAZZA, Luiz Antonio; ALIMANDRO, Regis. **A Segunda Revolução Verde**. Agroanalysis, out, 1998.

RETIÈRE, M, I, H. **Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização: modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas**. Dissertação (mestrado)-Escola Superior da Agricultura “Luiz de Queiroz”, centro de Energia Nuclear na Agricultura, Piracicaba, 2014.

ROBLES, Wilder. **Revisiting agrarian reform in Brazil, 1985-2016**. Journal of developing societies, vol. 34, n.1, p.1-34, 2018.

STEINER, R. **Economia viva: o mundo como organismo econômico único**. 3.ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.

TORUNSKY, F. **Justificativas em torno das Comunidades que Sustentam a Agricultura: Um estudo de caso da CSA São Carlos/SP.** Dissertação (Mestrado) USP / Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Centro de Energia Nuclear na Agricultura, 2019.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa.** Revista SOCERJ, v. 20, n. 5, p. 383-386, set/out, 2007.

VIEGAS, M. da T.; ROVER, O. J.; MEDEIROS, M. **Circuitos (não tão) curtos de comercialização e a promoção de princípios agroecológicos: um estudo de caso na região da grande Florianópolis.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 42, p. 370-384, Vol. 42, 2017. DOI: 10.5380/dma.v42i0.50759.

WILKINSON, J. **Os gigantes da indústria alimentar entre a grandes distribuição e os novos clusters a montante.** Estudos Sociedade e Agricultura, 18, abril, 2002: 147-174.

YAMAMOTO, A. **Por que continuamos juntos? Reciprocidade, mudança cultural e relações de poder entre urbano e rural.** Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ZERLOTE, R. M; MARJOTTA-MAISTRO, M. C, MONTEBELLO, A. E. S. VASCONCELOS, V. O. **Gastronomia e Agroecologia: a gravação de um documentário para streaming em um Assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.** Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v. 19, n. 1, 2024\*. (\*Artigo aceito para ser apresentado no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia em novembro de 2023).

## Apêndice I

### Roteiro de entrevista com agricultores

- 1) Como foi o nascimento da CSA Guajuvira?
- 2) Qual a participação dos c0-agricultores na CSA?
- 3) Qual a diferença de trabalhar com porteira aberta e porteira fechada?
- 4) Quais os desafios e limitações do modelo de CSA?
- 5) O que vocês têm de perspectiva nos próximos ciclos?
- 6) Como vocês definiriam agroecologia e como o sítio fomenta essa tal agroecologia?
- 7) O que vocês acham que essa e outras pesquisas que são feitas no organismo agrícola podem acrescentar e auxiliar a vocês?

**Apêndice II**  
**Questionário para co-agricultores CSA Guajuvira**

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

- 1) A quanto tempo é co-agricultor da CSA Guajuvira?**  
( ) 2017 ( ) 2018 ( ) 2019 ( ) 2020 ( ) 2021 ( ) 2022 ( ) 2023 ( ) 2024
- 2) É co-agricultor em alguma outra CSA?**  
( ) Não ( ) Sim - Qual? \_\_\_\_\_
- 3) Como conheceu a ideia de CSA? ASSINALE UMA OU MAIS OPÇÕES**  
( ) Internet, livros, pesquisas, artigos, mídias em geral...  
( ) Familiares e/ou amigos  
( ) Empresa, eventos, palestras...  
( ) Outro \_\_\_\_\_
- 4) Qual o principal motivo para participar da CSA? ASSINALE UMA OU MAIS OPÇÕES**  
( ) Consumo de produtos sem aditivos químicos  
( ) Intercâmbio de experiências  
( ) Contato com a natureza e possibilidade de manejo das hortas  
( ) Fazer parte de decisões em comunidade  
( ) Acesso sem intermediários a alimentos orgânicos  
( ) Qualidade nutricional familiar  
( ) Identificação com os princípios da CSA  
( ) Proximidade geográfica com o sítio  
( ) Outro \_\_\_\_\_
- 5) Ser co-agricultor da CSA fez com que, de maneira geral, a família se alimentasse mais em casa?**  
( ) Sim ( ) Não
- 6) O desenvolvimento sustentável tanto do campo quanto da cidade, se tornou assunto recorrente nas rodas de conversa após entrar na CSA?**  
( ) Sim ( ) Não

**7)** A variedade de alimentos produzidos pela CSA é satisfatória?

Sim  Não

**8)** Os valores pagos correspondem a qualidade da cesta?

Sim  Não

**9)** A divulgação da CSA pelas redes sociais, fomenta a disseminação de informações para familiares e amigos?

Sim  Não

9.1 Se não, qual a sua sugestão?

Prefiro não sugerir

---

**10)** Fazia a compra de produtos sem aditivos químicos antes de participar da CSA?

Sim - Onde? \_\_\_\_\_

Não

**11)** Você considera importante a certificação (SELO) do produto orgânico? Porque?

Sim  Não

---